



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e
Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: TECENDO SABERES/FAZERES NA
INCLUSÃO ESCOLAR**

VALÉRIA POLETTI CARVALHO

ORIENTADORA: PROF^a DR^a MERCEDES VILA CUPOLILLO

BRASÍLIA/2011

VALÉRIA POLETTI CARVALHO

**O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: TECENDO SABERES/FAZERES NA
INCLUSÃO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do
Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano –
PED/IP - UAB/UnB Orientadora: Prof^a Dr^a Mercedes Vila
Cupóllilo

TERMO DE APROVAÇÃO

VALÉRIA POLETTI CARVALHO

O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TECENDO SABERES/FAZERES NA INCLUSÃO ESCOLAR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em ____/____/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof^a. Dra. Mercedes Vila Cupolillo.- Orientadora – FAP/RJ

Prof^a. Dra. Alia Maria Barrios González Nunes.- Avaliadora - UnB/IP/PED

BRASÍLIA/2011

Dedico este trabalho a Deus, aos alunos,
aos profissionais da Educação e à minha
família por me amar infinitamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai do Céu, que sempre esteve comigo, nas diferentes etapas da minha vida, fazendo-me acreditar que é possível seguir em frente, mesmo diante das dificuldades. Também não poderia deixar de registrar, por meio da escrita, o amor que tenho pela minha família (Nilson, Penha e Vilazia) que é tudo em minha vida. Alicerce que faz de mim, a cada dia, ser um ser humano melhor, constituindo-me neste processo por meio das atitudes de amor, solidariedade e carinho que vivencio em meu lar. Agradeço também ao meu noivo Erlon, aos amigos e professoras que fizeram parte da pesquisa (Zenaira, Márcia e Solange) e que na troca de saberes/fazeres me constituíram também enquanto profissional e ser humano.

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi analisar a contribuição que o professor especialista/articulador pode ter dentro da instituição escolar. Sendo assim, por meio do trabalho colaborativo, envolvendo recursos lúdicos no processo de ensino aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais, desenvolvemos ações tais como: abordagem de alguns conceitos sobre o lúdico; planejamento de atividades coletivas e individuais junto ao professor especialista/articulador que possam contribuir para o processo de inclusão; análise das atividades coletivas e individuais realizadas pelos alunos junto ao professor especialista/articulador e verificação da contribuição desse profissional no desenvolvimento da aprendizagem do aluno com necessidades educativas especiais. Nesse sentido, consideramos que se torna fundamental no contexto educacional a parceria de um professor especialista/articulador junto ao professor regente, de forma a promover uma melhor integração do aluno com necessidades educativas especiais. Acreditamos que por meio do planejamento de atividades lúdicas contribuímos para o processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos, pois consideramos que o ensino precisa ser um convite à descoberta do conhecimento, de forma prazerosa. Isso representa um outro olhar sobre as diferenças, pois a brincadeira, por ser uma atividade que identifica e diversifica os seres humanos em diferentes espaços, torna-se uma forma privilegiada de interação entre os diferentes sujeitos (adultos x crianças e crianças x crianças). Ao utilizarmos os recursos lúdicos, promovemos de forma envolvente a troca de saberes/fazer entre os pares. Brincando, o sujeito aumenta sua independência, estimula sua sensibilidade visual e auditiva, valoriza sua cultura popular, desenvolve habilidades motoras, exercita sua imaginação, sua criatividade, socializa-se, interage, reequilibra-se, estimulando sua necessidade de conhecer e reinventar, e assim, produz conhecimento. É nesse sentido que as atividades lúdicas proporcionam o aprendizado em diferentes aspectos: o cognitivo, o social e o afetivo. Através do brincar a criança se relaciona criativamente, formando-se enquanto sujeito social.

Palavra chave: Inclusão. Lúdico. Parceria.

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1: QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA.....	38
QUADRO 2: QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA.....	38
QUADRO 3: QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA.....	39
QUADRO 4: QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA.....	39
QUADRO 5: QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 Lúdico: tecendo alguns conceitos	11
1.2 Relato de um outro olhar sobre as diferenças: planejamento de atividades coletivas e individuais	16
1.3 Um pouco da história da educação especial: a contribuição do professor especialista/articulador utilizando recursos lúdicos no processo de ensino aprendizagem para promover a inclusão	24
2 OBJETIVOS	31
2.1 Objetivo geral	31
2.2 Objetivos específicos	31
3 METODOLOGIA	33
3.1 Metodologia qualitativa	33
3.2 Instrumentos de pesquisa	35
3.3 Local	35
3.4 Participantes	36
3.5 Materiais/recursos	36
4 RESULTADOS	37
4.1 Análise do processo de ensino aprendizagem: importância da parceria no trabalho colaborativo	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	46
APÊNDICE A – Questionário e Entrevista aos professores	47
ANEXOS	51
ANEXO A – Planejamento das atividades realizadas em sala de aula	52

INTRODUÇÃO

Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar.
Carlos Drummond de Andrade.

O ser humano, em todas as fases da vida, está descobrindo e aprendendo coisas novas através do contato com o outro. Dessa forma, entendemos que nascemos para aprender, descobrir e nos apropriarmos dos conhecimentos, desde os mais simples aos mais complexos, pois assim, garantimos nossa sobrevivência na sociedade de forma participativa, crítica e criativa. Consideramos que uma das fases da vida de fundamental importância para nossa formação enquanto sujeitos é a infância. A ela pertence a idade das brincadeiras, onde satisfazemos, em grande parte, nossos interesses, necessidades e desejos particulares. A brincadeira é também um meio privilegiado de inserção na realidade, pois expressa a maneira como nós, enquanto crianças, refletimos, ordenamos, desorganizamos, destruimos e reconstruímos o mundo. É nesse sentido que abordamos o lúdico como uma das maneiras mais eficazes de envolver o aluno nas atividades, pois a brincadeira é algo inerente à criança. É sua forma de trabalhar, refletir e descobrir o mundo que a cerca. É muito importante aprender com alegria e vontade, e este trabalho vem abordar a importância do professor especialista/articulador junto ao professor regente, incluindo os alunos com necessidades educativas especiais nas atividades desenvolvidas em sala de aula por meio do trabalho com o lúdico. É imperativo considerar que em meu percurso profissional e pessoal, aprendi por meio das relações interpessoais estabelecidas, que é necessário entrar em cena, sendo ator participante, para tentar compreender o outro e assim buscar ajudá-lo a superar as dificuldades, sem perder o foco na dimensão humana, pois como diz Suzanne Pacoude: “O homem não se manifesta somente naquilo que ele faz, mas, frequentemente e, sobretudo, naquilo que ele não faz.”

No exercício do meu papel de professora de Educação Infantil e pedagoga, sempre me incomodou a falta de parceria da escola com profissionais de outras áreas — como a saúde, o serviço social, a geração de emprego e renda — para que pudssemos atender da melhor forma alunos que apresentavam um processo diferenciado de aprendizagem, seja por alguma necessidade educativa especial ou por condição de risco social. Nesse contexto, a escola fica solitária na tarefa de

garantir os direitos das crianças, visto ainda não ser prioridade do poder público estabelecer políticas públicas que garantam de fato a articulação da educação com as outras áreas de atendimento.

Sendo assim, tento, na minha atuação pedagógica, assumir posturas que gostaria de ter encontrado nos pedagogos que me atenderam, tentando melhorar o processo de ensino aprendizagem dos alunos que apresentavam um processo diferenciado de aprendizagem por meio de parcerias — sejam elas professor regente x pedagogo, professor regente x pedagogo x professor especialista/articulador — ou iniciativas de encaminhamento desses alunos para uma investigação médica em outras áreas. Dessa forma, na tentativa de garantir uma melhor qualidade ao atendimento das crianças com necessidades educativas especiais, o professor especialista/articulador surge na escola. Com formação na área de educação especial, para atender somente os alunos com laudo médico e pensar, junto à equipe escolar, possibilidades de ensino aprendizagem para essas crianças. Nesta pesquisa, pensamos esse professor como um articulador, tecendo saberes/fazeres com o professor regente e o pedagogo através do exercício de criar novas oportunidades de aprendizagem para essas crianças em sala regular.

Assim, ao ter a oportunidade de conhecer as diferentes teorias do desenvolvimento e, dentre elas, poder escolher a que acredito contribuir de fato para práticas humanizadoras, um olhar significativo precisa ser direcionado no sentido de perceber todos os alunos como capazes de aprender, a partir dos estímulos que são dados, porém, cada um com um processo diferenciado. Dentre as teorias, elegi a teoria histórico-cultural, visto defender que o homem se constitui por meio de sua cultura, podendo ser diferente a partir das mediações/ações que são realizadas na sua formação, sejam elas na família, escola ou demais instituições. Nesse sentido, a atividade lúdica surge como um recurso fundamental. Nela, se aprende por meio da expressão corporal, recorte/colagem, massinha, tinta, brincadeiras com materiais impressos — encartes, revistas — para identificação de letras, números, apresentação de histórias envolvendo o imaginário, reconhecimento de cores, formas geométricas, indo além dos conhecimentos cognitivos — relacionados aos conteúdos — para o despertar de manifestações de sentimentos através do trabalho em equipe e da possibilidade de novas descobertas de si mesmo e do

outro. Acreditamos que, por meio do lúdico, podemos possibilitar uma melhoria no aspecto cognitivo, afetivo e social dos alunos. Percebemos que as atividades realizadas a partir do que “chama atenção” e ultrapassa a rotina cotidiana, promovem envolvimento e interesse, possibilitando a ampliação de conhecimentos relacionados à linguagem oral, escrita, gestual, matemática. Melhoram também a percepção de espaço e tempo e as relações interpessoais, pois direciona o sujeito ao caminho da socialização, para que ele, sozinho ou com as mediações de um adulto, possa se constituir por meio da vivência com o outro. O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou na formação crítica do educando, quer para redefinir valores e melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade.

Surge então, o eixo norteador da pesquisa:

Que contribuição – dentro da instituição escolar – o professor especialista/articulador pode dar ao processo de aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais, por meio do trabalho colaborativo, envolvendo recursos lúdicos?

Dessa forma, foi fundamental a participação da professora especialista/articuladora e das professoras regentes na pesquisa. Elas possibilitaram minha entrada no processo de constituição de novas descobertas, através da investigação de como os recursos lúdicos podem contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos. Tais recursos são ações que podem ser desenvolvidas também no nosso trabalho cotidiano e em parceria com o professor especialista/articulador. Porém, dependem de um planejamento de estratégias que busquem alcançar os diferentes processos de aprendizagens.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Lúdico: tecendo alguns conceitos

(...) o lúdico como elemento de humanização e não de infantilismo.
Vânia carvalho de Araújo (p.136).

Muitos pesquisadores denominam o século XXI como o século da ludicidade. Viver ludicamente significa uma forma de intervenção no mundo, indica que não apenas estamos inseridos no mundo mas, sobretudo, que somos ele. Logo, conhecimento, prática e reflexão são as nossas ferramentas para exercermos um protagonismo lúdico ativo.

O lúdico refere-se a uma dimensão humana que evoca os sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação.

Todos nós aprendemos o tempo todo. Aqui está uma grande força do brincar: o sujeito, quer adulto, quer criança, pode brincar à sua maneira, aproveitando dessa experiência toda a aprendizagem para a qual eles estão prontos naquele momento.

“As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade” (Vygotsky, 1998). O lúdico em situações educacionais proporciona um meio real de aprendizagem. No contexto escolar, isso significa professores capazes de compreender em que nível de aprendizagem e desenvolvimento seus alunos estão. Depois de conseguir determinar esse nível, o lúdico dá aos professores o ponto de partida para promover novas aprendizagens no domínio cognitivo e afetivo.

Tem-se comprovado através de experiências reais que o lúdico é bem mais abrangente do que a visão minimalista que muitos têm ao significá-lo apenas como lazer.

As possibilidades do lúdico vão bem mais além, pois podemos também relacioná-lo ao prazer, já que ele não está preso a um tempo definido. Segundo o dicionário

Aurélio, prazer é a sensação ou sentimento agradável, harmonioso, alegria, contentamento, satisfação.

A importância do prazer é enfatizada assim por Rubem Alves (1987): “O lúdico privilegia a criatividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras pré-estabelecidas, nem velhos caminhos já trilhados, abre novos caminhos, vislumbrando outros possíveis”.

Observamos assim, que o lúdico é uma proposta metodológica fundamentada nos interesses do aluno. É uma forma de apresentar os conteúdos através daquilo que pode levar o aluno a sentir satisfação. É o prazer em descobrir um caminho interessante para o aprendizado. A idéia de Rubem Alves (1987) sobre o lúdico ancora o nosso pensamento, pois, segundo ele, “O lúdico se baseia na atualidade, ocupa-se do aqui e do agora, não prepara para o futuro inexistente. Sendo o hoje a semente do qual germinará o amanhã, podemos dizer que o lúdico favorece a utopia, a construção do futuro a partir do presente”. A criança aprende brincando, e o ato de brincar pode ser realizado em qualquer lugar. No entanto, quando essa criança passa a fazer parte da escola e se torna um aluno, a ludicidade fica à margem, sendo desvalorizada por muitos professores. No brinquedo, exercitamos o que Nietzsche denominou “vontade de poder.” É brincando que somos educados e aprendemos. Quem brinca sabe que a alegria se encontra precisamente no desafio e na dificuldade.

O lúdico tem sua origem na palavra latina "*ludus*", que quer dizer "jogo". Confinado à sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. O lúdico, porém, passou a ser reconhecido como traço essencial da psicofisiologia do comportamento humano. Desse modo, a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo.

As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo. O Lúdico apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana. Assim, na idade infantil e na adolescência, a finalidade é essencialmente pedagógica. A criança, e mesmo o jovem, geralmente manifestam resistência à escola e ao ensino, porque, acima de tudo, não é lúdico, prazeroso. A ludicidade, tão

importante para a saúde mental do ser humano, merece atenção dos pais e educadores, pois é o espaço para a expressão mais genuína do ser, é o espaço e o direito de toda criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos.

O conceito de lúdico é, muitas vezes, relacionado apenas ao jogo, brinquedo e brincadeira. Vejamos como esses termos são definidos no dicionário Larousse (1982,pg.65):

- Jogo - ação de jogar, folguedo, brinco, divertimento. Seguem-se alguns exemplos: jogo de futebol; jogos olímpicos; jogo de damas; jogos de azar; jogo de palavras; jogo de empurra.
- Brinquedo - objeto destinado a divertir uma criança, suporte da brincadeira.
- Brincadeira - ação de brincar, divertimento. Gracejo, zombaria. Festinha entre amigos ou parentes. Qualquer coisa que se faz por imprudência ou leviandade e que custa mais do que se esperava: aquela brincadeira custou-me caro.

No lúdico, jogo, brincadeira e brinquedo apresentam num sentido mais amplo. Daí, a necessidade de definir esses termos: Brincadeira, basicamente se refere à ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não-estruturada. Jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras. Brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar. Já a atividade lúdica abrange, de forma mais ampla, os conceitos anteriores.

O lúdico possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a sua importância na formação da personalidade. Através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona idéias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, o que é mais importante, vai se socializando. A convivência de forma lúdica e prazerosa com a aprendizagem levará a criança a estabelecer relações cognitivas ligadas às experiências vivenciadas, bem como relacioná-las às demais produções culturais e simbólicas conforme procedimentos metodológicos compatíveis a essa prática. De acordo com Nunes, a ludicidade é

uma atividade que tem valor educacional intrínseco, mas além desse valor, que lhe é inerente, ela tem sido utilizada como recurso pedagógico. Segundo Teixeira 1995 (apud NUNES), várias são as razões que levam os educadores a recorrer às atividades lúdicas e a utilizá-las como um recurso no processo de ensino-aprendizagem:

- As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança, e nesse sentido, satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica;
- O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo.

Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o sujeito de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude dessa atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são prazerosas, mas também requerem um esforço voluntário.

- As situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento.

Em geral, o elemento que separa um jogo pedagógico de um outro de caráter apenas lúdico é este: desenvolve-se o jogo pedagógico com a intenção de provocar aprendizagem significativa, estimular a construção de novo conhecimento e principalmente despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória. Isto é, o jogo pedagógico presta-se ao desenvolvimento de uma aptidão ou capacidade cognitiva e apreciativa específica que possibilita a compreensão e a intervenção do indivíduo nos fenômenos sociais e culturais e que o ajude a construir conexões. (NUNES).

Chateau (1987, p.14) destaca que “Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. A partir desta afirmativa, podemos refletir que é preciso respeitar o tempo da criança ser criança, sua maneira original de ser e estar no mundo, de vivê-lo, descobri-lo, de conhecê-lo, tudo simultaneamente. É preciso romper alguns paradigmas que foram criados, pois na sociedade capitalista que vivemos o lúdico está sendo extraído do universo infantil, devido a inúmeras razões: amadurecimento precoce, redução do espaço físico e do tempo de brincar por meio do excesso de atividades atribuídas às crianças (natação, escola, inglês, computador, ginástica, dança, pintura...) e de brinquedos eletrônicos que fazem quase tudo pela criança, impedindo-a de criar. Por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz de conta, são reelaboradas. Estas ações são fundamentais para a atividade criadora do homem.

Negrine (1994, p.19) sustenta que as contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança.

Dessa forma, acreditamos que brincar é sinônimo de aprender, pois o brincar e o jogar geram um espaço para pensar, visto que a criança avança no raciocínio, desenvolve o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, satisfaz desejos, desenvolve habilidades, conhecimentos e criatividade.

1.2 Relato de um outro olhar sobre as diferenças: planejamento de atividades coletivas e individuais:

Pense em uma criança com necessidades educacionais especiais que esteja incluída na sua escola...

Um outro olhar sobre as diferenças retrata uma experiência que tive, em 2009, com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. Posteriormente, aborda a experiência vivida nesta pesquisa diante do desejo de realizar um trabalho que, de alguma forma, fizesse diferença na vida das crianças que apresentam um processo diferenciado de aprendizagem.

A vivência descrita a seguir, ocorreu num centro municipal de educação infantil no município de Cariacica, onde tínhamos uma menina com síndrome de down, matriculada na turma do 1º ano, e um menino chamado Marcos (nome fictício), com deficiência intelectual e hiperatividade, matriculado na turma de 5 anos. Apesar de ter vivenciado experiências muito significativas com os dois alunos, tanto no aspecto pessoal, quanto no profissional, vou me remeter ao aluno Marcos.

Inicialmente, Marcos foi matriculado no turno vespertino, no entanto, no mês de abril, foi realizado o seu remanejamento para o turno matutino. Tal mudança se deu com o objetivo de melhorar as relações do aluno na escola, visto que pela manhã, segundo a mãe, ele ficava menos agitado. Marcos é um aluno que, segundo diagnóstico médico, apresenta deficiência intelectual e hiperatividade. Possui acompanhamento com psiquiatra, psicólogo e fonoaudiólogo, recebendo nove medicações para controlar seu sistema nervoso. Essa descrição, inicialmente nos assustou bastante, pois realmente Marcos era um aluno que atingia nosso emocional, principalmente quando nos batia e nos mordia. Nos momentos que era contrariado, derrubava cadeiras e xingava. Isso se dava, sobretudo, quando era necessário cumprir as regras. Em outras situações, os motivos nem existiam, mas já chegava à escola batendo e chutando quem encontrava pela frente. Porém, em alguns momentos nos cativava com suas histórias — apresentava ótima oralidade, relatando fatos com sequência — e seus gestos afetivos — abraço, beijo, pedidos de desculpas.

Marcos era observado constantemente, pois precisávamos descobrir o que lhe chamava atenção, o que lhe interessava na escola. A maior dificuldade foi estabelecer relações com o grupo, pois não queria permanecer em sala com os colegas e se envolver em nenhuma atividade que dependesse do coletivo.

Eu, no papel de pedagoga, auxiliava a professora em sala quando me era possível, orientando-o na realização da atividade junto ao grupo e em alguns momentos num acompanhamento individual, devido à sua pouca concentração em sala e à dificuldade de permanecer nesse espaço. Diante de tal situação, iniciamos uma peregrinação em busca de uma professora especialista que pudesse acompanhar o Marcos em suas atividades em tempo integral. Recorremos à secretaria de educação, encaminhando relatórios que comprovassem a necessidade e, por que não, o direito dessa criança a uma professora especialista que pudesse colaborar com seu processo de desenvolvimento, bem como com sua inserção em sala. Após muitas idas e vindas, conseguimos esse profissional e muitos avanços foram obtidos. Juntamente com o trabalho da professora, buscávamos incessantemente tentativas de parceria também com a família. Digo “tentativas” com a família, pois a mesma se mostrava resistente diante de nossos relatos de dificuldade em lidar com Marcos. Nos momentos em que ele, muito agitado, começava a bater, chutar e morder as pessoas da comunidade escolar — professoras, vigia, diretora, colegas à sua volta — solicitávamos à família que o buscasse mais cedo. A família, no entanto, não compreendia nossa necessidade, mesmo relatando que em casa o aluno também apresentava esse comportamento depois das 10h, horário em que o efeito do remédio diminuía.

Dessa forma, a parceria possível foi realizada apenas entre mim, pedagoga, e a professora especialista/articuladora. Buscávamos estratégias para que Marcos pudesse avançar em seu desenvolvimento cognitivo, visto ser um aluno que apresentava grandes potencialidades, principalmente com aparelhos eletrônicos — celular, computador, aparelhos de som, máquina fotográfica, etc. — demonstrando grande interesse. Começamos então, a nos utilizar desses recursos para o ensino das letras, dos números e, algumas vezes, até para acalmá-lo. Ressalto, porém, que, apesar da ausência da família nessa parceria, partilhávamos com eles os avanços obtidos.

A maior dificuldade diante da especificidade de Marcos continuava sendo seu relacionamento no grupo, pois apesar das inúmeras tentativas de integrá-lo e da boa aceitação das crianças, ainda assim, ele não queria estar junto delas. Uma das raras cenas que me recordo foi durante o recreio, quando foi proposto ao Marcos a brincadeira de cadeirinha. Os alunos fizeram cadeirinha para carregá-lo e ele aceitou. Outro momento foi quando utilizamos o teclado do computador da sala dos professores para ensiná-lo as letras do nome e um telefone de brinquedo, confeccionado por nós com papel cartão, para que pudesse aprender os números. Nesse telefone ele colocava os números soltos em cima dos números do telefone como se fosse ligar para alguém, e havia, como fio, um barbante alinhavado em volta do telefone, o que o auxiliava na coordenação motora fina.

Ressalto ainda, que dentre todas as dificuldades enfrentadas, a mais relevante para o nosso trabalho foi o não envolvimento da professora regente. De acordo com ela, a responsabilidade da aprendizagem do Marcos não lhe competia, principalmente devido ao seu comportamento agressivo. Comportamento esse que, no início, lhe acarretou uma depressão e desencadeou um processo de rejeição ao aluno.

Com o desenrolar das atividades, no entanto, tivemos grandes conquistas, tanto em relação ao maior envolvimento dessa professora, principalmente no seu envolvimento afetivo, quanto em relação ao processo de aprendizagem. Marcos concluiu o ano letivo, escrevendo seu nome com auxílio da ficha e com a mediação da professora, traçando as letras, algo que não fazia no início. Conseguiu também reconhecer a maioria das letras do nome, identificar cores, realizar contagem oral sequenciada até 10. Apesar de todos esses avanços, a dificuldade de interação no grupo persistiu. Atualmente, Marcos está estudando no turno vespertino, na mesma escola, frequentando o 1º ano. Segundo relato da mãe, devido à troca dos medicamentos o aluno acorda somente às 10h, sendo, assim, inviável seu horário de estudo no turno matutino. Ainda apresenta bastante dificuldade de interação no grupo, oscilando muito em seu comportamento, ora está mais calmo, ora bastante agitado.

Esse relato é um pouco da experiência que vivi no ano de 2009 e que muito contribuiu, apesar das dificuldades, para o meu crescimento pessoal e profissional.

A partir dessa experiência, dentre outras tantas vividas por inúmeros profissionais, um outro olhar sobre as diferenças faz-se necessário para romper alguns paradigmas. Nos leva a pensar que uma escola onde o professor é informador e o aluno ouvinte não cabe mais no contexto atual, não é mais possível jogarmos lições empacotadas para o educando consumir passivamente. Como nos diz Resende (1999, p.42-43), não queremos uma escola cuja aprendizagem esteja centrada nos homens de “talentos”, nem nos gênios, já rotulados. O mundo está cheio de talentos fracassados e de gênios incompreendidos, abandonados à própria sorte. Precisamos de uma escola que forme homens, que possam usar seu conhecimento para o enriquecimento pessoal, atendendo aos anseios de uma sociedade em busca de igualdade e oportunidade para todos.

E assim, se compreendermos que a verdadeira aprendizagem é sempre significativa, o trabalho pedagógico pode fazer de fato com que a inclusão aconteça a partir de pequenas ações. Vale ressaltar, que o acompanhamento de Marcos por outros profissionais — fonoaudiólogo, psicólogo, psiquiatra e neuropediatra — pela COPS (órgão de atendimento público) foi fundamental para sua inserção em outro ambiente coletivo além da sua família, apesar das dificuldades encontradas.

Dessa forma, quando pensamos no conhecimento produzido pela escola, devemos pensar que todos são capazes de aprender e devem ter oportunidades. Ao brincar, não se aprende somente conteúdos escolares, aprende-se algo sobre a vida e sobre a constante luta pela sobrevivência que nela travamos. E é a partir do planejamento que podemos possibilitar novas formas de se pensar/fazer educação, acolhendo as diferenças de forma a respeitar a individualidade e a potencialidade de cada um, valorizando os diferentes momentos e formas de aprender. Vemos que, como professor e instituição, recebemos muitas influências ao longo da história. Influências de concepções marcadas pelo capital, onde os currículos são estruturados diante de uma visão de homem, mundo e sociedade que podem tanto reforçar a ordem vigente ou refletir e criar formas para proporcionar mudanças. E assim, entendemos que a instituição escolar precisa ter uma identidade para que

possa ser reconhecida pelos profissionais que chegam. Esses profissionais devem ter a possibilidade de perceber que a instituição procura desenvolver um processo de aprendizagem que dê oportunidades ao outro de se expressar; que nas reflexões da própria prática é possível perceber as mudanças e as estratégias que devemos ter para fazer com que haja interesse e busca pelo saber.

Numa concepção de educação voltada para uma prática libertadora, professor e aluno, quando conseguem ter uma relação dialógica, aprendem uns com os outros a partir dos questionamentos, das hipóteses que são levantadas nas discussões sobre determinada temática. Percebemos isso quando, na prática, temos nossas atitudes questionadas pelos nossos alunos. Tais questionamentos acontecem, principalmente, em relação a situações de injustiça, como por exemplo, “tia, ele também bateu, não vai ficar sem o parque?”. E assim, vou me surpreendendo a cada dia, acreditando no quanto as crianças são capazes de aprender o que lhe proporcionamos de informações, ainda que algumas apresentem um processo diferenciado de entendimento. Se compreendermos o conhecimento como uma representação mental, devemos saber que ensinar é um convite à exploração, à descoberta, e não a uma pobre transmissão de informações e técnicas desprovidas de significado.

É interessante percebermos como as vivências influenciam o entendimento do que é discutido ou solicitado num grupo. Trago como exemplo um fato ocorrido no ano de 2010, no centro de educação infantil municipal no qual trabalho, com um aluno do 1º ano do ensino fundamental. A professora solicitou aos alunos que levassem para a sala de aula tirinhas retiradas de jornais e revistas, visto estarem estudando histórias em quadrinhos. Para surpresa da professora, e também nossa, como equipe técnica, esse aluno levou para a sala de aula as histórias em quadrinhos recortadas em tirinhas, não sendo possível ler as mesmas. Diante desse fato, recordei a situação observada numa escola do Distrito federal, de um aluno chamado Pedro. Diante da solicitação da professora de que deveria “pular linhas no caderno”, Pedro não conseguiu entender o que deveria fazer. Oriundo de outro estado, onde tal expressão não era utilizada, foi necessária a intervenção de um colega, que de maneira simples, explicou a atividade: “tu escreve uma linha e faia outra”.

Muitas e muitas vezes, nos deparamos com situações desse tipo, no diálogo com as crianças. Tentamos fazê-las compreender e refletir sobre determinadas situações e comportamentos, não observando, assim como a professora de Pedro, a linguagem utilizada. Não percebemos que, às vezes, o vocabulário que usamos não consegue atingir o aluno para que a informação tenha sentido e se transforme em conhecimento.

Surge então, como algo fundamental no processo de aprendizagem de qualquer ser humano, a mediação pedagógica. Essa intervenção deve proporcionar ao sujeito situações de desafios e estímulos para que o conhecimento se constitua por meio de processos de ensino diferenciados. Tais processos devem priorizar a mediação do outro mais experiente, e desconsiderar uma concepção de escola que vê o conhecimento como algo que ocorre de forma linear e unidirecional, sem a participação ativa de si mesmo e do outro. Logo, podemos pensar que o conhecimento dialógico propõe, segundo nos diz Freire, o diálogo com o outro.

O acolhimento dos alunos com necessidades educativas especiais na escola contribui para boas práticas educacionais. E isso só é possível a partir da criação de oportunidades de interação e compartilhamento social, particularmente em ambientes cooperativos. *Ambientes estruturados, calmos e com atenção individualizada, também, beneficiam a criança e seu aprendizado.*

Dessa forma, podemos considerar que, ao receber o aluno com qualquer deficiência, é preciso primeiro, como diz JANNUZZI (2004), considerar que a prática educativa voltada para uma pessoa com deficiência no Brasil é influenciada pelo modo de pensar e de agir em relação ao diferente. Por isso, é fundamental uma atitude acolhedora do professor acreditando ser possível, nas pequenas ações, contribuir para o desenvolvimento do aluno. É imperativo também reivindicar o direito do aluno de ter uma atenção mais individualizada com o professor especialista/articulador, para que junto com o professor regente, possam garantir melhor qualidade de ensino.

Como proposta de atuação considero que o processo de aprendizagem, principalmente dos alunos com necessidades educativas especiais, deve abranger um planejamento que possibilite a socialização no grupo. E o lúdico é a porta de entrada dessa socialização, por meio de músicas, brincadeiras com faz de conta utilizando fantoches e jogos, manipulação de diferentes materiais, tais como massinha, papéis, tintas, explorando as diferentes áreas de conhecimento. Entendemos não ser possível seguir à risca um modelo, mas sim, criar possibilidades de interação e, dentre elas, aplicar diferentes formas de intervenção. Promover assistência individualizada com o apoio de outro profissional, desenvolver atividade física, reduzir barulhos no ambiente, trabalhar com o estímulo visual para a comunicação ainda que não seja verbal, aceitar o aluno como ele é e estabelecer parceria com a família.

Sendo assim, promover a educação dos estudantes com necessidades educativas especiais na educação básica, passa primeiro pelo acolhimento dos alunos por meio dos profissionais envolvidos. O acolhimento ocorre através do conhecimento, só amamos o que conhecemos, por isso, é fundamental a busca de informações a respeito da deficiência e, com isso, estar disponível para criar possibilidades de intervenção com esses alunos, acreditando sempre no potencial de cada um, conseguindo perceber os avanços, ainda que possam ser considerados “pequenos” para muitos olhares. A escola é responsável pelo processo de aprendizagem desses alunos, porém deve lutar para que não esteja isolada/sozinha. Deve contar com o apoio de outros profissionais para garantir uma educação de qualidade, com o acesso — que é um direito — e a permanência desses alunos. E entende-se como uma educação de qualidade um processo de ensino que garanta uma aprendizagem real a todos os alunos. Mas, para isso, a escola precisa reivindicar muitas vezes, junto à secretaria de educação, o apoio de um professor especialista/articulador e a parceria com outros profissionais da saúde. A escola não pode e não deve deixar de fazer a sua parte, mas também não pode se acomodar diante da situação “fazendo qualquer coisa”. Vale lembrar, que a observação da família e da escola é fundamental para um diagnóstico precoce, ampliando a possibilidade de intervenções mais eficazes no processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. Tudo isso depende de um outro olhar.

Um outro olhar também teve que existir na pesquisa, pois precisávamos estar atentas ao que conseguíamos promover de aprendizagem nas crianças a partir da troca de saberes/fazeres vivenciados em suas experiências. Toda observação e análise das aprendizagens foram sendo verificadas durante o processo de realização das atividades. Na interação com o grupo, procurávamos fazer com que as crianças que apresentavam um processo diferenciado de aprendizagem tivessem uma participação mais atuante. Perguntávamos às mesmas os nomes das cores, das letras, das formas geométricas, dos números que estavam sendo trabalhados. Os questionamentos aconteciam durante a atividade e posteriormente, para constataremos se a informação havia sido apreendida. Foi muito interessante observarmos avanços extraordinários no processo de aprendizagem das crianças, principalmente a participação das mesmas durante as atividades querendo sempre responder as perguntas.

O trabalho a partir do livro “Os três porquinhos”, da autora Bia Vilella, em que abordamos principalmente o conhecimento das formas geométricas e das cores, foi uma das atividades que promoveu maior aprendizagem e interesse nos alunos. O interesse maior era conhecer os porquinhos que tinham os nomes das formas geométricas. Os alunos que apresentavam maior dificuldade para reter as informações, conseguiram apreender os nomes das formas e cores, ainda que oscilando em alguns momentos. Porém, foi perceptível que as crianças acreditaram mais em seu potencial e que são capazes de aprender, pois sempre nos pediam para levar os porquinhos e lhes perguntar o nome deles e as cores. Esse outro olhar sobre as potencialidades das crianças, não desistindo de acreditar nelas e fazendo-as também acreditarem que podem aprender, é fundamental para o processo de aprendizagem e inclusão de todos na escola.

1.3 Um pouco da história da educação especial: contribuição do professor especialista/articulador utilizando recursos lúdicos no processo de ensino/aprendizagem para promover a inclusão

Sabemos que, historicamente, práticas discriminatórias prevaleceram em nosso país e por isso, cabe-nos criar alternativas para superá-las. A temática da educação inclusiva é um espaço de debate dentro da sociedade contemporânea, do papel da escola na superação lógica da exclusão. Exclusão essa, que começa pela falta de investimento na educação. Ainda não existem políticas públicas comprometidas com a inserção dos alunos que apresentam necessidades especiais nas salas regulares. Políticas que garantam não somente o acesso, mas condições de permanência e superação das dificuldades que começam na própria família e se estendem nas relações sociais que vão se estabelecendo em outras instituições.

Visitando a história da inclusão em nosso país, vemos que ela é um recente fenômeno sócio-cultural que, entre outras características, se configura complexo por evidenciar conflitos entre o indivíduo e a sociedade. Enquanto os aspectos sociais e as configurações institucionais atingem diretamente os indivíduos que os compõem, de forma coercitiva e determinante, em contrapartida os sujeitos dessa nova experiência social se constituem como organizadores da mesma, através da convivência continuada e das relações estabelecidas nessa convivência. A relação do sujeito com seu meio histórico- cultural é fundamental para a formação de funções psíquicas complexas que, para se manifestarem no sujeito é necessário o contato com o outro, visto nos desenvolvermos através do outro na relação linguagem, da fala e do pensamento.

Os movimentos sociais pelos direitos humanos foram fundamentais, principalmente na década de 1960, para que a sociedade fosse conscientizada sobre os prejuízos da marginalização e da segregação dos grupos minoritários. Surgiram, a partir desses movimentos, estudos que fundamentaram práticas integradoras das pessoas com deficiências, de forma a constatar que eles poderiam aprender num espaço com contextos culturais normalizantes, de forma a potencializar o desenvolvimento interpessoal e de inserção social. Diante desses estudos, houve influência de pesquisadores norte americanos, surgindo então, um debate a respeito do que seria

educação inclusiva. Com a Constituição Federal de 1988, institui-se a legalidade no direito dessas crianças à Educação, quando em seus artigos diz que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Podemos perceber que, mesmo diante de tantas dificuldades — a não aceitação da criança nas salas regulares, descrença na sua capacidade de aprender, falta de apoio de um professor colaborador — existem práticas isoladas de alguns professores que, dentro de suas possibilidades, buscam inserir os alunos com necessidades educativas especiais. Não desistem diante da condição de aprendizagem de cada um. Infelizmente, também vemos, apesar da existência da lei, muitas práticas educacionais que excluem grande parte da população. Muitas vezes essas práticas acontecem no próprio poder público, que garante somente o acesso, porém dificulta a permanência. Estamos inseridos numa política educacional que está contextualizada na concepção neoliberal, que dá a ilusão de que há igualdade de oportunidades para todos. Sabemos, porém, que apesar desses alunos terem conquistado o acesso à instituição escolar regular, ainda falta muito para conquistar qualidade nesse atendimento. Devemos pensar que sempre há possibilidades e que devemos nos remeter a cada uma delas com os sujeitos que estão em cena conosco. Devemos acreditar na capacidade de aprender, talvez não de forma “convencional”, mas inseridos num grupo onde é possível aprender e ensinar por meio também de suas memórias e experiências.

Nesse contexto, a família aparece como o primeiro ambiente de socialização e, dessa forma, é responsável pela transmissão de valores, crenças, idéias e significados que estão presentes na sociedade. Sendo a primeira mediadora entre o homem e a cultura, constitui uma unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo do sujeito que recebe influência de condições materiais, históricas e culturais em suas relações interpessoais de construção social e coletiva. No

ambiente familiar a criança deve aprender a administrar e resolver conflitos, controlar emoções, expressar diferentes sentimentos para lidar com a diversidade da vida. Porém, fica evidente que a família tem recebido influência social, econômica e política, assim, não é mais vista como um sistema privado de relações. A formação de vínculos afetivos nesses novos laços familiares vai diferenciando e progredindo mediante as modificações do próprio desenvolvimento da pessoa, de suas demandas sociais e transformações sofridas pelo grupo sócio-cultural no qual o sujeito está inserido.

A escola, porém, constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, sendo uma instituição fundamental para o sujeito e a evolução da sociedade e da humanidade. Tem metas, objetivos que tem o intuito de promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a memória seletiva, a criatividade, associação de idéias, organização e sequência de conhecimento, entre outros. Família e escola podem tanto promover o desenvolvimento e aprendizagem humana quanto serem inibidores deles. Por isso, é muito importante que a escola saiba como utilizar as experiências trazidas pelos alunos para gerir as competências imprescindíveis ao processo de letramento. Diante de toda crise, que tanto a família quanto a escola tem passado, é importante haver diálogo entre ambas. É imprescindível que haja uma aproximação e, assim, por meio de estratégias pensadas em conjunto, seja permitido organizar ações que assegurem parcerias entre esses dois ambientes, buscando objetivos comuns e soluções para os desafios enfrentados pela sociedade e a comunidade escolar.

Não basta a preocupação da escola com o processo de aprendizagem dos alunos. É necessário que políticas públicas sejam articuladas para garantir parceria contribuindo para que a escola não fique isolada neste processo como tem ocorrido. A falta dessas políticas públicas impede, muitas vezes, o avanço do aluno. Temos exemplos simples: por vezes, a escola encaminha o aluno para uma investigação médica por apresentar dificuldade de memorização, sequência, concentração, percepção espacial, etc. e não obtém retorno. Isso acontece, na maioria das vezes, porque a família tem dificuldade de conseguir atendimento médico. Então, a escola fica sozinha com sua metodologia de trabalho, e passa a ser a única responsável pelo desenvolvimento desses alunos.

Cabe a nós, pesquisadores da educação, promover maiores discussões a respeito dessa temática. Só assim ela poderá ser ampliada, buscando atingir os órgãos competentes, responsáveis pela formação de políticas públicas dentro dos municípios nos quais atuamos.

Para atingir o verdadeiro sentido da palavra “escola” — local de alegria, prazer intelectual, satisfação e desenvolvimento — é preciso que repensemos também nossas práticas, de forma a substituir a rigidez e a passividade pela vida, pela alegria, pelo entusiasmo de aprender, pela maneira de ver, compreender e reconstruir o conhecimento. Almeida (1995, p. 41), ressalta que:

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático, enquanto investe em uma produção séria de conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.

A contribuição do professor especialista/articulador vai ser tecida a partir dos recursos lúdicos que ele, junto ao professor regente, utilizar. Segundo ANDRÉ (1999, p. 12):

“[...] considerar as diferenças é encontrar situações de aprendizagem ótimas para cada aluno, buscando uma educação sob medida, como sonhava Claparede, no início do século. Se esse princípio fundamental se mantém até hoje, os meios de alcançá-lo é que vem se renovando: procurar substituir o ensino individualizado, em que cada aluno desenvolve isoladamente suas tarefas, por uma diferenciação no interior de situações didáticas abertas e variadas, confrontando cada aluno com aquilo que é obstáculo para ele na construção dos saberes”.

O lúdico pode ajudar a promover aprendizagens. Rosamilha (1979, p. 77), nos diz que:

A criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico, mental. Usemos um pouco mais este artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo de seus instintos naturais, aliados e não inimigos.

Sendo assim, através de atividades expressivas, as pessoas podem exteriorizar o seu mundo interior gerando afeto e estimulando a criatividade. Podem criar e transformar o que lhe é proposto, expressando os desejos e vontades, tão vitais aos indivíduos quanto outras manifestações.

De acordo com Fonseca (1995, p. 106):

“A partir da hierarquização e sequencialização (informação, formação, transformação) das várias áreas e subáreas do desenvolvimento cientificamente fundamentado, pode-se, na mesma ótica, lançar as bases e as estratégias de intervenção terapêutica e psicopedagógica adequadas ao perfil intra-individual das necessidades educacionais específicas de cada criança.”

Desse modo, podemos dizer que todo sujeito deve ser estimulado para que possa desenvolver suas potencialidades. Os educadores (pais, professores, terapeutas, médicos...) poderão facilitar o desenvolvimento de seus educandos trabalhando de forma planejada, organizando atividades e situações de estímulo à aprendizagem. O ser humano é um ser aberto a mudanças, pode modificar-se por meio da educação e assim adquirir novas possibilidades e novas capacidades. Uma importante via para essa mudança está na arte e suas variadas manifestações.

Segundo Urrutigaray (2003, p. 38):

“Se a arte possibilita o desabrochar do imaginário, a partir da idéia de ser a origem do pensamento ou da idéia, cabe ao sistema educativo expandir o desenvolvimento deste sistema simbólico através das práticas expressivas que possibilitem a integração do aprendizado emocional ao aprendizado de conhecimentos e informações adquiridas da cultura humana.”

O lúdico atua como fator indispensável ao processo de desenvolvimento do ser humano, pois é através dele que o sujeito pode transmitir expressões de seu pensamento e sentimentos, conseqüentemente ampliando suas possibilidades de interação também por meio da expressão corporal no grupo. Segundo Fux (apud, BRASIL, 2002, p. 21):

“A experiência do corpo é descobrir o ritmo interno por meio do qual se pode mobilizar a via de comunicação que há em seu interior. Para tanto, o corpo deve ser motivado e, sobretudo, ter um sentido: por que se move e para quê”.

Concordando com Fux, entendemos que o trabalho com dança para pessoas que apresentam necessidades educativas especiais é um grande aliado ao seu desenvolvimento. Isso porque a dança visa à consciência corporal, propiciando ao indivíduo, ritmo musical, noção espaço-temporal, coreografias e dramatizações criativas. A escola deve proporcionar atividades como essas que possam facilitar a conquista da autonomia através de processos pedagógicos que estimulem o aprender a aprender.

Sendo assim, é necessário, como nos diz MARTÍNEZ (2007, p. 99), perceber a escola como um lugar onde as diferenças são aceitas como normais. Isso, porém, só é possível se enxergarmos o processo educativo como altamente diferenciado porque ele está diretamente ligado às diferenças dos sujeitos que nele participam. No entanto, para muitos profissionais, isso demandaria mudanças significativas na sua representação da escola e do processo de ensino-aprendizagem. Mudanças fundamentais para a construção do processo de inclusão escolar.

O lúdico também tem imprimido em si múltiplas possibilidades que agem como aprimoramento em direção à transformação e ao aprendizado, resgatando valores e habilidades essenciais do indivíduo em busca do autoconhecimento. Uma dessas possibilidades é o fazer artístico.

Ele apresenta-se de forma espontânea onde o sujeito, em contato com diferentes materiais — tinta, massinha, barbante, papéis para recorte/colagem... — através das atividades propostas, pode liberar seus impulsos reprimidos permitindo o acesso à suas vivências não verbalizáveis.

A transformação do ser se dá de diversas maneiras, e uma delas, que entendo ser a mais importante, é através da aplicação e atuação de atividades lúdicas. O lúdico faz com que o sujeito não fique limitado às suas possibilidades, mas possa ser estimulado para ir além, em busca do aprimoramento de suas ações. E nesse ir além, o sujeito pode experimentar o sentimento de inclusão social que, segundo Urrutigaray (2003, p. 82), é um importante fator para a estruturação de uma identidade.

E assim, podemos pensar a arte como uma forma de expressão da subjetividade, sendo um dos caminhos que nos leva ao conhecimento. Com a mediação pedagógica, a arte pode proporcionar ao sujeito atividades estimulantes para a constituição do conhecimento através da troca de saberes com o outro mais experiente.

Devemos pensar que sempre há possibilidades, e que devemos nos remeter a cada uma delas com os sujeitos que estão em cena conosco acreditando em sua capacidade de aprender. Talvez não de forma “convencional”, mas inseridos num grupo onde vão aprender e ensinar por meio também de suas memórias e experiências.

Diante dessas afirmativas, vemos que a contribuição do professor especialista/articulador surge a partir do momento que é enviado à escola para ser parceiro do processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. A contribuição acontece quando esse profissional se dispõe a estar junto ao professor regente, articulando formas de se fazer educação, sendo ator neste contexto.

Estar disposto a pensar e a fazer o trabalho junto com a equipe escolar a partir da ludicidade, abre caminhos para envolver todos numa proposta interacionista, oportunizando o resgate de cada potencial. A partir daí, cada um pode desencadear estratégias lúdicas para dinamizar seu trabalho que, certamente, será mais produtivo, prazeroso e significativo, conforme afirma Marcellino (1990, p. 126): “É só do prazer que surge a disciplina e a vontade de aprender”.

O lúdico torna-se essencial para uma escola que se proponha não somente ao sucesso pedagógico, mas também à formação do cidadão, porque a consequência imediata dessa ação educativa é a aprendizagem em todas as dimensões: social, cognitiva, relacional e pessoal.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar a contribuição dos recursos lúdicos no desenvolvimento cognitivo de alunos que apresentam necessidades educativas especiais, promovendo melhor inclusão/participação desses alunos nas salas regulares.

2.2 Objetivos específicos

- Discutir alguns conceitos sobre o lúdico;
- Planejar atividades coletivas e individuais junto ao professor especialista/articulador que possam contribuir para o processo de inclusão;
- Analisar as atividades coletivas e individuais realizadas pelos alunos, por meio da parceria entre o professor regente e o professor especialista/articulador, procurando indicadores das possíveis contribuições dessas atividades para o desenvolvimento cognitivo dos alunos;
- Verificar a contribuição do professor especialista/articulador utilizando recursos lúdicos no desenvolvimento da aprendizagem do aluno com necessidade especial;

A partir desses objetivos, é fundamental no contexto educacional, a parceria do professor especialista/articulador junto ao professor regente, de forma a promover uma melhor integração do aluno com necessidades educativas especiais no grupo. Isso só é possível por meio do planejamento de atividades lúdicas que contribuam para o processo de desenvolvimento cognitivo desses alunos, a partir das observações e planejamentos com atividades adaptadas. Quando não é possível realizar no mesmo espaço/tempo o planejamento com os três atores desse processo de ensino (professor regente x pedagogo x professor colaborador), surge o papel do pedagogo. Esse profissional funciona como mediador fundamental entre o professor regente e o especialista/articulador, de forma a integrar, por meio do planejamento, a atividade de sala regular com a atividade a ser desenvolvida em parceria com o professor especialista/articulador. FROEBEL, citado por (ALMEIDA 1987, p.23), diz

que “a educação mais eficiente é aquela que proporciona atividade, auto-expressão e participação social das crianças”. E assim, percebemos que por meio do lúdico podemos contribuir para um processo de aprendizagem mais dinâmico, onde o sujeito é parte integrante do seu processo de conhecimento. É necessário que se supere o trabalho centrado apenas na transmissão de informações, pois como nos diz Vigotsky “nós nos tornamos nós através do outro” e, parafraseando-o, constituímos saberes/fazer também através do convívio e mediação do outro. É muito importante aprender com alegria. Comenta Sneyders (1996, p.36) que “Educar é ir em direção à alegria”.

As técnicas lúdicas fazem com que a criança aprenda com prazer, alegria e entretenimento, e está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Desta forma, a pesquisa foi desenvolvida de forma interativa entre professor regente x pedagogo x professor especialista/articulador, através da pesquisa-ação e da pesquisa colaborativa. São tipos de pesquisa que buscam uma ação de transformação da realidade, produzindo novas possibilidades de atuação.

A pesquisa está fundamentada na teoria histórico-cultural de Vigotsky (1998), com a visão de que não há um conceito único de desenvolvimento humano, mas de diferentes tipos de desenvolvimento. Acreditamos também, que como nos diz ALMEIDA (1995, p.11),

[...] A educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações constantes com o pensamento coletivo [...]

3 METODOLOGIA

3.1 METODOLOGIA QUALITATIVA

Para realizarmos este trabalho, pensamos numa concepção de metodologia que reconhece o caráter interativo do processo de constituição do conhecimento. Isso envolve tanto a relação investigador-participantes como as relações participantes entre si nas diferentes formas de trabalho grupal que a investigação pressupõe. Dessa forma, buscamos durante a pesquisa, estabelecer uma relação crítica e criativa com tudo que for pensado e vivenciado com o outro, trazendo contribuições para repensar e melhorar a prática pedagógica.

Como metodologia, utilizaremos a pesquisa-ação e a pesquisa-colaborativa, visto serem tipos de pesquisa que buscam uma ação de transformação da realidade, produzindo novas possibilidades de atuação. Dessa forma, foi realizado previamente o planejamento de atividades com o professor especialista/articulador. Essa etapa envolveu recursos lúdicos para que, na ação (manuseio de diferentes materiais e expressão corporal por meio da música), vivenciemos formas diferenciadas de incluir o aluno que apresenta um processo diferenciado de aprendizagem, sendo as atividades realizadas no coletivo e em alguns momentos de forma individual.

O procedimento objetivou incentivar o trabalho em equipe e promover o desenvolvimento dos aspectos cognitivos (linguagem oral, escrita, corporal, plástica, matemática e de convivência em sociedade). As aulas foram planejadas com o pedagogo e professor especialista/articulador a partir do projeto de sala das turmas, sendo o pedagogo o mediador do trabalho entre o professor regente e especialista/articulador, envolvendo os dois no processo de ensino/aprendizagem.

Segundo BARBIER (2007, p. 33), “A pesquisa-ação não convém nem aos ‘mornos’, nem aos aloprados, nem aos espíritos formalistas, nem aos estudantes preguiçosos”. Nessa citação Barbier traz à tona a discussão sobre a disponibilidade do pesquisador para realização deste tipo de pesquisa: é preciso ter disposição para fazer junto, pensar/observar/repensar formas de incluir, de promover a aprendizagem daqueles que aprendem de um jeito diferente. É necessário priorizar

o lúdico por meio da expressão corporal ou plástica. Vale ressaltar, que todas as atividades desenvolvidas, tanto no coletivo, quanto no individual, visaram articular o lúdico ao real. Ao brincar com os números ou com as letras transformando-os em desenhos, pensamos em trazer materiais que mostrassem que esses números e essas letras têm uma função social, pois tem uma finalidade. Assim, mostramos encartes, revistas, palavras, buscando sempre fazer uma relação com a temática que está sendo trabalhada em sala.

Nesse recurso constitutivo, o corpo também fala, pois por meio dele, pensamos em situações onde os alunos pudessem vivenciar situações no imaginário. E nessas situações, trabalhar as noções de lateralidade, a concentração e a identificação por meio da criação com o corpo de letras e números tanto no individual quanto no coletivo.

Sendo assim, por ser uma pesquisa “viva”, ela necessitou da participação constante. Seja na elaboração das atividades, na observação e na intencionalidade. Seja buscando, numa visão política, promover a inclusão de todos, onde o pesquisador vivencia as dificuldades e por meio do repensar da prática promove novas possibilidades de atuação. O professor regente preencheu um questionário e foi entrevistado, de forma a avaliar, com o professor colaborador/articulador e o pedagogo, como eles percebiam que o desenvolvimento cognitivo dos alunos acontecia a partir do trabalho realizado. Dessa forma, um dos instrumentos utilizados, além de ser o da observação durante a aula a partir da participação dos alunos e também de uma avaliação individual, foi o questionário e a entrevista com os professores.

Segundo IBIAPINA (2008, p. 11):

“A pesquisa colaborativa é um tipo de investigação que aproxima duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação contínua de professores. E assim, um dos princípios a considerar nesta prática de pesquisa, é investigar a própria ação educativa, nela intervindo. Dessa forma, tornam-se mais claros os elos que interligam o pensamento à atividade dos professores. Nesse processo, pesquisador e professores se tornam mais autoconscientes a respeito das situações em que estão inseridos, fundamentados pela visão e compreensão crítica do que - fazer educativo.

3.2 Instrumentos de pesquisa

Como método de pesquisa nos utilizamos do planejamento e da observação das atividades desenvolvidas em sala de aula, bem como o registro da participação dos alunos para análises posteriores. Realizamos também, questionário e entrevistas com os professores regentes e colaborador/articulador sobre o que observaram de contribuições das atividades para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Como fases da pesquisa, realizaremos:

Fase 1 – planejamento das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula junto ao professor especialista/articulador, com habilitação em Educação Especial.

Fase 2 – observação e registro das atividades realizadas.

Fase 3 – Questionário e entrevista com o professor regente e o especialista/articulador sobre o que observaram das contribuições da aula no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

3.3 Local

A pesquisa foi realizada no Centro Municipal de Educação infantil, no Município de Vitória, com duas turmas, sendo uma de 5 anos e uma de 6 anos, abrangendo o período do mês de Abril a Novembro de 2010, sendo uma aula por semana em cada turma com duração de 1h20min em média.

3.4 Participantes

A pesquisa teve a participação dos alunos de 5 e 6 anos, dos professores regentes e do professor especialista/articulador que atuava na escola em dois dias semanais para atender aos alunos com necessidades educativas especiais, num trabalho em sala de aula.

3.5 Materiais/recursos

Para realização das atividades utilizamos diferentes materiais, dentre eles: papéis coloridos, tinta, lápis de cor, massinha, imagens, CDs, dinâmicas em grupo, histórias e fantoches.

4 RESULTADOS

4.1 Análise do processo de ensino aprendizagem: importância da parceria no trabalho colaborativo.

Quando nos referimos à palavra parceria, foi para ressaltar que esta pesquisa só pôde ser realizada porque as professoras (especialista e regente) aceitaram o que foi proposto. Dispuseram-se a repensar formas de trabalho e de promover a inclusão estando junto, de forma a interagir com o outro, considerando que a inclusão é um privilégio de conviver com as diferenças. Dessa forma, as atividades desenvolvidas tiveram um pouco da experiência que as professoras já traziam de outras instituições escolares, bem como a vontade de promover a aprendizagem e a crença no processo de inclusão. A humildade e a disponibilidade para aprender com o outro foi observado nas três professoras (uma especialista e duas regentes) que demonstraram bastante compromisso com o processo de ensino-aprendizagem. Criaram, até mesmo diante dos imprevistos, estratégias para que cada criança, da sua forma, pudesse se apropriar do conhecimento, que foi planejado em cada atividade desenvolvida em sala de aula. Retomaram em seu trabalho, o que nos diz De Schiller apud Mauriras- Bousquet (1991:05), “O homem só é inteiramente humano quando brinca”. O esforço, o planejamento e a participação das professoras regentes em parceria com a professora especialista, foi fundamental para que as atividades pudessem ser realizadas de forma articulada, vivenciadas nas trocas interativas, onde na cena, as autoras estavam juntas vivenciando a história junto aos alunos.

A partir deste trabalho foi organizada uma entrevista com as professoras, para que cada uma pudesse expor sua percepção diante do processo de aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais, tendo a parceria da professora especialista/articuladora. Naquele momento, foi importante ouvi-las para que se verificasse a importância da contribuição da professora especialista no processo de inclusão. Nessa entrevista foi possível verificar quais resultados foram observados no processo de aprendizagem dos alunos, ainda que durante toda pesquisa, houvesse de alguma forma um retorno sobre cada atividade apresentada ao grupo. A pesquisa foi realizada num Centro de Educação Infantil no Município de Vitória,

em duas turmas, sendo uma do 1º ano do ensino fundamental (crianças de 6 anos) e a outra do Grupo 6 (crianças de 5 anos). Participaram da pesquisa dois professores regentes e um professor especialista/articulador.

Todas as perguntas em forma de questionário e entrevista foram dirigidas às professoras de forma que pudéssemos compreender suas concepções de criança e ensino aprendizagem, buscando perceber se as atividades propostas também contribuíram para mudanças em suas práticas.

QUADRO 01 – QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA

COMO VOCÊ COMPREENDE A APRENDIZAGEM?	PALAVRA CHAVE
Professora regente1	Necessidade do contato com o outro/motivação
Professora regente 2	Brincadeira/concreto/aulas atrativas
Professora especialista/articuladora	Descobrir o que gostam/chama atenção

A partir da análise do quadro, podemos perceber que as professoras consideram que a aprendizagem perpassa pelo sentido, estímulo, brincadeira, e que aprendemos a partir da relação com o outro. Neste sentido, a brincadeira envolve as diferentes formas de aprender. Compreender como as pessoas aprendem, é considerar sua história, seu contexto e as diferentes aprendizagens que estamos sujeitos ao longo das nossas vidas, sejam elas formais ou informais, promovendo de alguma forma uma mudança de comportamento.

QUADRO 02 - QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA

COMO VOCÊ ABORDA AS DIFERENÇAS EM SALA DE AULA, DE FORMA A INCLUIR?	PALAVRA CHAVE
Professora regente1	Mesmas atividades com objetivos diferentes/ aumentar a autoestima/se sentir capaz
Professora regente 2	Atenção individualizada/envolvendo a todos com perguntas
Professora especialista/articuladora	Dinâmicas de sensibilização/envolvimento de todos

Percebemos nas respostas que a inclusão promovida com as turmas, iniciou-se a partir do respeito a todos, e da tentativa de envolver os alunos com um processo diferenciado de aprendizagem.

QUADRO 03 - QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA

QUAL A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA PROFESSOR REGENTEXESPECIALISTA NA INCLUSÃO?	PALAVRA CHAVE
Professora regente1	Troca de saberes/fazeres diferentes olhares/percepções
Professora regente 2	Estratégias diferentes
Professora especialista/articuladora	Fundamental/objetivo único de promover aprendizagem

O trabalho colaborativo, segundo relato das professoras, só acontece de fato se houver parceria, se o objetivo único for promover a aprendizagem. A contribuição deste profissional (professor especialista/articulador) precisa acontecer no contexto escolar. Alguém que pense junto as estratégias, que tenha olhares diferenciados para respeitar os diferentes processos de aprender e participe, pesquise, se esforce para trocar saberes/fazeres com os pares.

QUADRO 04 - QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA

CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	PALAVRA CHAVE
Professora regente1	Maior envolvimento dos alunos/ quebra de paradigmas
Professora regente 2	Melhorou a atenção/estímulo ao conhecimento
Professora especialista/articuladora	Interesse em aprender/relações no grupo

As professoras destacaram que as atividades envolvendo o lúdico são de grande contribuição para a aprendizagem dos alunos, pois foi possível vivenciar na prática, o que ARAÚJO (1996, p. 149) nos esclarece na teoria, onde nos diz que:

“Somente com a apropriação dos elementos que possam garantir sua natureza humana, é que a criança será capaz de experimentar o “reino da liberdade”. Nessa relação, o lúdico sobressai como um dos elementos constitutivos da natureza da criança. E, não mais revelado por

características correspondentes à irresponsabilidade, ao infantilismo e à pura fantasia, as manifestações lúdicas da criança passam a compor o traço definidor da criança como criança, sem mascarar suas condições objetivas e subjetivas de vida”

QUADRO 05 - QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA

COMO VOCÊ PERCEBEU QUE O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS ACONTECEU A PARTIR DO LÚDICO?	PALAVRA CHAVE
Professora regente1	Maior interesse pelo conhecimento/ RETIVERAM mais informações/
Professora regente 2	Maior concentração/valorização Nas atividades realizadas
Professora especialista/articuladora	Era significativo por trazer elementos do cotidiano

O desenvolvimento dos alunos a partir do trabalho realizado, de acordo também com o relato das professoras, foi observado através das conversas com o grupo. Nas conversas foi detectado o que chamou a atenção e foi prazeroso nas atividades e também pelo conhecimento adquirido nas diferentes áreas do conhecimento a partir dos estímulos com as atividades lúdicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, procuramos nos remeter a reflexões sobre a importância das atividades lúdicas na educação infantil, principalmente para incluir as crianças que apresentam necessidades educativas especiais. Ressaltamos também, a contribuição que o professor especialista/articulador pode ter no processo de ensino aprendizagem dos alunos, trabalhando em parceria com o professor regente. Neste processo, consideramos que a ludicidade é muito importante para o desenvolvimento integral da criança, pois para ela, brincar é viver.

É importante mencionar que o brincar no espaço educativo precisa ser constantemente refletido, pois só é possível compreender o desenvolvimento de uma criança se o educador reconhecer um pouco da criança que foi e que, de certa forma, ainda existe em si.

É competência da educação infantil proporcionar aos seus educandos um ambiente rico de atividades lúdicas. Por meio dessa pesquisa pudemos perceber o quanto o lúdico é significativo para a criança. Através da ludicidade o aluno pode conhecer, compreender e produzir seus conhecimentos, tornando-se cidadão deste mundo, sendo capaz de exercer sua cidadania com dignidade e competência, pois a todos deve ser oportunizado o aprender.

Consideramos que nesse processo de inclusão algumas posturas são preponderantes: a responsabilidade, o compromisso no planejamento e na realização das atividades, o acolhimento aos alunos, a parceria entre os pares, bem como o cumprimento da lei por parte dos órgãos públicos. São fatores fundamentais para que possamos ser uma escola que atribui papel relevante ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil, deixando a criança viver por meio de atividades prazerosas e agradáveis. Deixar a criança ser criança, vivenciando por meio do faz de conta situações cotidianas, refletindo-as e reconstruindo-as, apreendendo com o outro o saber produzido culturalmente pela humanidade contribuirá para a formação de sujeitos de direito.

6 REFERÊNCIAS

ALONSO, C.M. M. & SANTAROSA, L M. C. **Letramento de pessoas com necessidades educacionais especiais em ambientes informatizados de aprendizagem.** Texto Básico apresentado no VII Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, 2004.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica:** Técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1987.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica:** técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995.

ANDRÉ, Marli. **Pedagogia das diferenças na sala de aula.** Campinas, SP: Papirus, 1999.

ANGELICCI, Carla Biancha, **Uma inclusão nada especial.** Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-17082006-154028/>> acesso em: 28/07/2008.

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos.** 12. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. **Criança:** do reino da necessidade ao reino da liberdade. Edufes: Vitória, 1996.

ALVES, Rubem. **A gestão do futuro.** Campinas: Papirus, 1987.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber livro editora, 2007

BARRETO, Siderley de Jesus. **Psicomotricidade:** educação e reeducação. Blumenau: Odorizzi, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, 1998. v. 2.

CARBONARI, Paulo César. **Direitos Humanos e Desigualdades** - Uma leitura enfocada e em perspectiva da situação. Disponível em: <www.inesc.org.br> acesso em: 28/07/2008. Última modificação em 30/10/2007.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), Abr 2007, vol.17, nº. 36, p. 21-32.

FONSECA, Vitor da. **Educação especial**: programa de estimulação precoce - uma introdução às idéias de Feuerstein. 2. ed. Revista Aumentada – Porto Alegre: Artes Médicas Sol, 1995.

FREITAS, Marcos Cezar de (org). **Desigualdade Social e Diversidade Cultural na Infância e na Juventude**. Editora Cortez, 2006, p. 25

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber livro editora, 2008

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **Infância e produção cultural**. São Paulo: Papirus, 1998. (séries prática pedagógica). 3. ed. 2003.

LAROUSSE, K. **Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse**. Rio de Janeiro: Larousse, 1982.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Nova Escola on-line**. Ed.182, maio de 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. São Paulo: Papirus, 1990.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Inclusão escolar**: desafios para o psicólogo. Em A. M. MARTÍNEZ (org). Psicologia escolar e compromisso social. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2007, p. 95-114.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Propil, 1994

NUNES, Ana Raphaella Shemany. **O lúdico na aquisição da segunda língua**. Disponível em: <http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm> acesso em: 16/01/2011.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva**, nomeado pela portaria nº 555/2007, prorrogada pela portaria 948/2007 em 7 de janeiro de 2008

RESENDE, Carlos Alberto. **Didática em perspectiva**. São Paulo: Tropical, 1999.

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Editora Ática, 1992

SNEYDERS, Georges. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania:** dilemas do Brasil contemporâneo. Caderno CRH, Salvador, n.19,8-21, jul/dez.1993.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa e BARTHOLO, Roberto dos Santos, **O professor e o ato de ensinar.**

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Uma crítica às teorias clássicas da aprendizagem e à sua expressão no campo educativo**

URRUTIGARAY, Maria Cristina. Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSHOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente,** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Como você compreende o processo de aprendizagem dos alunos? Ou seja, de que forma você considera que eles aprendem?

Professora regente 1: Compreendo como algo que vai se desenvolvendo com o contato com o outro, mediações necessárias, estímulos, para que haja motivação de aprender. Só a partir do momento que a criança é motivada é que o processo de aprendizagem acontece. Os alunos aprendem quando eles percebem a função do que estão aprendendo, o significado, vivenciando de forma lúdica e prática as experiências.

Professora regente 2: As crianças aprendem brincando, por meio da música e da prática (concreto). As crianças conseguem aprender quando as aulas são atrativas e elas se envolvem.

Professora especialista: Primeiro é importante saber sobre a cultura/cotidiano das crianças. Descobrir o que elas gostam/suas preferências e realizar o planejamento em cima deste contexto. O fazer de forma lúdica é fundamental no processo de aprendizagem. O que pode chamar atenção das crianças para a aprendizagem são recursos como: confecção de personagens, entonação da voz ao contar histórias, caracterização do professor de formas diferentes (personagens); fantoches, jogos, miniaturas de brinquedos, imagens, dinâmicas de grupo, jogo da memória, músicas envolvendo o corpo.

Como você aborda as diferenças em sala de aula, de forma a incluir todos os alunos?

Professora regente 1: As mesmas atividades são desenvolvidas na turma, mas com objetivos diferentes. Algumas são adaptadas, mas com mediação também diferenciada. Trabalhamos com a autoestima fazendo com que todas as crianças se sintam capazes. Sempre no início do ano é realizado um trabalho de forma a envolver todos no respeito às diferenças.

Professora regente 2: Dando uma atenção mais individualizada aos alunos com necessidades educativas especiais e colocando-os para sentar mais na frente, buscando “chamar atenção” deles com as atividades propostas e sempre perguntando/interagindo com eles e as demais crianças.

Professora especialista: Por meio da sensibilização do grupo nas dinâmicas; músicas no trabalho colaborativo, abordando o respeito às diferenças. No momento das atividades propostas os alunos com necessidades educativas especiais participam como todas as crianças.

Qual a importância da parceria professor regente x especialista para promover a inclusão?

Professora regente 1: Troca de saberes entre os professores, pensando em conjunto as ações, as percepções/olhares diferentes que contribuem para a aprendizagem das crianças.

Professora regente 2: A parceria proporciona a troca de saberes e, assim, uma ajuda a outra nas percepções das necessidades das crianças, agindo também com estratégias diferentes.

Professora especialista: Fundamental, pois o professor regente precisa estar junto, participando das ações planejadas no trabalho colaborativo, pois caso isso não aconteça fica muito difícil e se torna frustrante para o professor especialista. Penso que o momento do trabalho colaborativo é de troca de saberes, experiências e que a “união faz a força”, pois temos o objetivo de promover aprendizagem.

Você percebeu alguma contribuição das atividades lúdicas no processo de ensino aprendizagem das crianças?

Professora regente 1: O envolvimento das crianças, o estímulo visual, corporal contribuiu de forma significativa, porque foi planejado a partir do trabalho realizado em sala (projeto), abordando de forma diferenciada. Dessa forma, o professor especialista/articulador deve saber o que está sendo trabalhado em sala. O

pedagogo é fundamental na mediação professor especialista x regente para que o trabalho aconteça. Observei grande retorno do trabalho no processo de aprendizagem dos alunos que apresentavam um processo diferenciado no aprender, principalmente no conhecimento das cores, letras, formas e números. Romperam também alguns modelos já construídos, como por exemplo, a cor rosa ser de menina e a cor azul de menino, menino não abraçar menino...

Professora regente 2: As contribuições do lúdico de forma planejada — utilização de diferentes técnicas (massinha, papel) e músicas — fez com que as crianças estivessem mais atentas, estimulou a coordenação motora, a percepção visual e o conhecimento de letras, números, cores, entre outros.

Professora especialista: O lúdico foi positivo diante das dificuldades que grande parte dos alunos apresentava (dispersão, reter informações, relações sociais...). As atividades lúdicas proporcionaram/estimularam o interesse dos alunos pelo conteúdo que estava sendo trabalhado. Melhorou a relação também com o grupo, ao utilizarmos de relaxamento, no início da aula. Demonstravam prazer pelo conhecimento que estava sendo produzido no grupo e individualmente.

Como você percebeu que o desenvolvimento cognitivo dos alunos com necessidades educativas especiais aconteceu a partir do trabalho realizado?

Professora regente 1: Os alunos com necessidades educativas especiais tiveram avanços significativos no aspecto cognitivo e social. Conseguiram reter informações a partir das atividades realizadas em sala envolvendo o lúdico. Utilizamos músicas, histórias, conhecimento de letras por meio da arte/corpo, vivências gustativas (bolo, chocolate, gelatinas) abordando o conhecimento de cores, gráficos, quantidades, tipos de textos, entre outros.

Professora regente 2: Aumentou a concentração dos alunos e a valorização do próprio trabalho — atividade que realizavam. O trabalho colaborativo contribuiu para ampliar a vontade de aprender dos alunos.

Professora especialista: O conhecimento produzido a partir do lúdico aconteceu de forma mais ágil, mais significativa, pois levou também elementos do cotidiano, por meio do fazer brincando. O desenvolvimento cognitivo e social dos alunos aconteceu a partir do pensar e repensar das nossas ações, não desistindo e acreditando nas potencialidades de cada um, mesmo os que apresentavam necessidades educativas especiais, pois cada um tem um processo diferenciado de aprendizagem.

ANEXO

ANEXO A – PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS EM SALA DE AULA

Segue alguns dos planejamentos das atividades desenvolvidas com grupos de crianças de 5 e 6 anos:

Todo planejamento tem como objetivos: Desenvolver a autoestima, a expressão corporal, o trabalho em equipe, despertar sentimentos e emoções, identificar e nomear as letras, os números, cores e desenvolver a lateralidade. Por meio de diferentes materiais e da música, procuramos despertar o desabrochar das emoções e sentimentos.

GRUPO 6- CRIANÇAS DE 5 ANOS

PROJETO DE SALA: VIVENCIANDO VALORES COM OS PINGOS

Duração: 1 hora.

1º momento: Relaxamento em grupo com música instrumental.

2º momento: Escolhemos dois alunos para formação do número 1 com o corpo. Abordamos a importância do trabalho em equipe.

3º momento: brincamos com o número 1. Desenhamos num cartaz este número e perguntamos onde podemos encontrá-lo. Os alunos disseram: no telefone, no calendário, na roupa, pra “comprar”. Propomos, então, fazer uma brincadeira com o número, transformando-o em um desenho que eles escolheriam. Citaram vários nomes de objetos como casa, pipa, mas ao final, foi escolhido um menino para se transformar no número 1. Concluímos com eles que aquilo era uma brincadeira, mas no dia-a-dia o número tem uma função social e que não o encontramos transformado. Ao final, entregamos papéis coloridos para que rasgassem e montamos com eles um cenário, onde poderia estar aquele menino. Todos realizaram a colagem.

4º momento: Com massinha, solicitamos aos alunos que fizessem o número 1, sem a transformação da atividade anterior.

5º momento: Na avaliação os alunos demonstraram alegria em participar. Conseguiram trabalhar em grupo e apreender a informação do número.



FIGURA 01: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora.

1º Momento: Relaxamento ao som de flauta. Solicitamos aos alunos que fechassem os olhos e imaginassem a seguinte história contada pela professora colaboradora (a história foi produzida por ela). Esta história foi baseada nos livros de literatura da coleção Os pingos, dos autores Mary França e Eliardo França, muito usados na alfabetização.

Está passando um balão pelo céu, que está descendo, descendo, até chegar pertinho de todos nós. Entramos bem devagar, um por um, e fomos dar um passeio. Quando o balão já se aproximava das nuvens avistamos um lindo lugar. Nossa, é muito bonito esse lugar! Por aqui tem uma ponte, vamos passar por cima dela. Olha, quantos patinhos tem por aqui. Mas o que será aquilo? Vejam, um jacaré! Vamos passar bem devagar, assim ele não vai notar nossa presença, além disso, ele deve estar tomando sol. Quantas árvores, pássaros e borboletas. Eu hein, tem alguém rindo, o que será que tem dentro daquele regador? Minha nossa!!! São os pingos... Uau, hoje quem ficou de olhinhos fechados conseguiu encontrá-los. São umas gracinhas, cheio de cores diversas e cada um tem um jeitinho todo especial de ser, assim como nós. Agora sim, podemos abrir os olhinhos... Vamos agora, de olhos abertos, segurar na mão de quem está ao nosso lado e ir balançando nosso corpo pra lá e pra cá...

2º Momento: Pedimos que as crianças sentassem e, com mímicas, buscamos fazê-las tentar adivinhar qual pingo estávamos representando: pingo de fogo, pingo de sol, pingo de mar, pingo de ouro, pingo de flor, pingo de céu, pingo de lua.

3º Momento: Depois das descobertas, escolhemos três crianças e pedimos que tentassem fazer, com o corpo, a letra A, podendo contar com a ajuda dos amigos. Posteriormente, essa letra deveria ser encontrada nos nomes dos pingos que seriam apresentados numa listagem. A letra poderia estar no início, no meio ou no fim das palavras.

4º Momento: Depois de encontrar a letra A na listagem, solicitamos que os alunos se sentassem e distribuíssem massinhas, referentes a algumas cores dos pingos

(amarelo, azul, vermelho, laranja, verde). Pedimos que os alunos fizessem a letra A utilizando a massinha.

5º Momento: Na avaliação os alunos demonstraram entusiasmo em participar. Conseguiram trabalhar em grupo e apreender a informação da letra A.



FIGURA 02: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 30 min.

1º Momento: Relaxamento com música instrumental, em roda, de mãos dadas, fazendo movimentos com o corpo sem soltar as mãos.

2º Momento: Apresentamos os desenhos dos pingos perguntando o nome e a cor, escrevendo depois no quadro, embaixo de cada pingo, juntamente com a participação dos alunos, os nomes deles.

3º Momento: Convidamos sete crianças para colocarem a 1ª letra do nome dos pingos.

4º Momento: Entregamos cinco nomes de pingos para as crianças associarem à letra inicial, isso, depois de apagarmos a escrita dos nomes do quadro. Perguntamos depois quais nomes faltaram e completamos junto com eles.

5º Momento: Avaliamos que o tempo estipulado foi longo para as crianças. O relaxamento, porém, foi realizado com êxito, pois conseguiram realmente participar. Percebemos que o tempo de concentração da turma é muito pequeno e, por isso, ensinamos os aplausos na língua de sinais para diminuir o barulho da sala. Além disso, não esperávamos que os alunos ainda não reconhecessem todos os pingos e suas cores.



FIGURA 03: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora.

1º Momento: Relaxamento em grupo com música instrumental.

2º Momento: Apresentamos o pingo de sol, escrevendo com eles o nome do personagem no quadro.

3º Momento: Colamos um círculo no quadro e perguntamos o que poderia virar? Responderam um ovo (provavelmente o que parecia). Depois, quando começamos a fazer os traços falaram que era o sol. Demos vários exemplos de situações divertidas, tentando fazê-los perceber que o pingo iria representar um amigo.

3º Momento: Comentamos que o nome da professora deles (Solange) tinha as letras do nome daquele pingo. Assim, escrevemos o nome da professora no quadro e

perguntamos onde podíamos encontrar nela a palavra sol. Quando conseguiram identificar, pedimos que circulassem.

4º Momento: Entregamos várias folhas para colar no tronco de uma árvore que já estava desenhada no quadro. À medida que íamos contando uma história produzida sobre o pingo, os alunos tinham que estar atentos, pois quando ouvissem a palavra encantada (AMIGO), escolheríamos uma criança para colar uma folha e completar a árvore.

Obs.: Os alunos deveriam estar atentos para saber o momento certo de se levantar.

5º Momento: Em nossa avaliação a atividade foi bastante significativa, pois conseguiram se concentrar e participar. Mesmo ressaltando a importância do ser amigo, foi interessante perceber que eles expressaram que nem todos eram amigos, porque se batiam às vezes.



FIGURA 04: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 20 min.

1º momento: Apresentação da música AMIGO, do cantor Zé Antônio (expressão corporal: fazer os gestos da música com o colega. Abraçar, fazer carinho, beijar no rosto...)

2º momento: Relaxamento com fundo instrumental, ouvindo a seguinte história:

Vivemos num lugar onde não conseguimos ficar sozinhos, pois precisamos do outro para nos fazer companhia, conversar, ajudar. Que bom termos amigos, eles nos ouvem, nos dão conselhos, sorriem com as coisas boas da vida que acontecem, mas ficam tristes quando estamos chorando, porque eles querem nos ver bem, gostam de nós, nos tratam com muito carinho. É por isso, que devemos tratar nossos colegas com respeito, porque assim é fácil nascer uma linda amizade. Só de pensar que podemos construir laços afetivos com o outro até nos tornarmos velhinhos, isso já é muito legal. Esse é um dos sentidos da nossa vida: Fazermos amigos!

Por isso, estamos aqui hoje pra mostrar que ser amigo é muito importante para sermos felizes, pois sozinhos nossa vida ficaria sem graça. Já imaginou se cada um de vocês ficasse sozinhos, um em cada sala? Ai, que esquisito, né?!

Vamos abrir agora nossos olhinhos e ver quantos amigos podemos ter sempre ao nosso lado.

3º momento: Escrevemos no quadro a palavra “amigo”, perguntando aos alunos o nome de cada letra e depois o que significava a palavra amigo para eles. Depois, pedimos que falassem o nome de um objeto cujo nome se iniciasse com cada uma das letras da palavra amigo. Escrevemos a palavra novamente e, à medida que íamos perguntando e as crianças respondendo, transformávamos cada letra no desenho que as crianças, em comum acordo escolhiam: ex: a letra A em anel, letra M em mato, letra I em igreja, letra G em galinha e Letra O em ovo. Perguntamos o nome da letra e em quê ela se transformou. Logo após, apagamos os desenhos e perguntamos o nome da letra apresentada e no que ela se transformou, estimulando a memória auditiva das crianças.

4º momento: Entregamos para cada criança uma letra da palavra “amigo” e pedimos para que brincassem, também transformando essa letra num desenho cujo nome se iniciasse com aquela letra.

5º momento: Em nossa avaliação, a atividade teve um aproveitamento bem expressivo, pois os alunos conseguiram se concentrar e participar. Um aspecto a considerar é que muitos alunos ainda não fazem a relação da letra apresentada como sendo a inicial de outras palavras. (isso aconteceu porque eles ainda não associavam a letra ao seu respectivo som)



FIGURA 05: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 20 min.

1º momento: Conversa informal com os alunos sobre a receita de bolo que fizeram a partir do livro BOLO FOFO, dos autores Mary França e Eliardo França. Momento de relaxamento (música instrumental, os alunos deitados, sentindo a textura do algodão que passávamos em algumas partes do corpo deles).

2º momento: Escrita da palavra bolo no quadro, fazendo os seguintes questionamentos aos alunos: Na história, quem fez o bolo? Que letras usamos para escrever a palavra bolo? Vamos falar outras palavras que começam com a letra B, igual à da palavra bolo? Neste momento, as crianças foram falando diversas palavras, algumas iniciadas pela letra B e outras não. Convidamos algumas crianças para escreverem no quadro palavras com a letra B, como, por exemplo, boneca. Apresentamos depois algumas gravuras (biscoito, bombom, banana, olho, ovo, lápis,

lua) e pedimos que falassem quais figuras iniciavam com a letra B. Após falarem as palavras biscoito, bombom e banana, escrevemos cada uma delas ao lado da figura que estava próxima à palavra bolo.

3º momento: Apresentamos algumas figuras geométricas separadas e dizemos que elas iriam se transformar em um bolo, mas que precisaríamos da participação de todos. Perguntamos os nomes das figuras geométricas, formamos grupos e entregamos papéis coloridos trabalhando o nome das cores para que rasgassem e colassem cada cor numa figura geométrica do bolo, estimulando também o trabalho coletivo. Após a colagem dos papéis, formamos o bolo junto com a turma.

4º momento: Em nossa avaliação a atividade foi bem proveitosa, pois conseguiram se concentrar e participar. Um aspecto a ser considerado é que, novamente, os alunos tiveram dificuldade de associar a letra inicial da palavra apresentada a outras palavras com a mesma inicial.





FIGURA 06: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 20 min.

1º momento: Momento de relaxamento no grupo (música instrumental, os alunos em roda, segurando as mãos uns dos outros, vivenciando movimentos suaves com o corpo).

2º Momento: Contação da história “Buá, Buá, o que será?”, dos autores Mary França e Eliardo França. Conversamos com os alunos sobre a metamorfose da borboleta e a importância de se ter uma família.

3º momento: Escrita da palavra lagarta no quadro, perguntando aos alunos outras palavras que também se iniciam com esta letra e, à medida que iam falando, listávamos as palavras no quadro. Um aluno disse a palavra litoral e foi muito interessante. No momento perguntei (pesquisadora) o que significava essa palavra e ele disse é música “tia”. Então expliquei que também pode significar lugar que está próximo ao mar. Trabalhamos no quadro com a escrita das palavras iniciadas com L: lápis, laranja, lua, litoral. Em seguida, brincamos dizendo que iríamos fazer uma

lagarta com figuras geométricas e que cada um poderia escolher a forma e a cor. Formamos no quadro as diferentes lagartas e, depois, cada criança escolheu a forma geométrica com a qual gostaria de formar a sua lagarta.

Avaliamos que a atividade foi bem compreendida e aproveitada pelos alunos, pois conseguiram se concentrar e participar. Reconheceram as cores, as formas geométricas (triângulo, círculo, quadrado, retângulo) inclusive o losango, pouco apresentado até então (associamos essa forma geométrica com a bandeira do Brasil) que chamavam de “bosando”. A princípio, notamos certa dificuldade para reconhecer o triângulo e o losango, mas percebemos que o interesse para realizar as atividades foi grande e, por isso, ao perguntarmos novamente, conseguiram nomeá-las corretamente. Realizaram a atividade com muito capricho.



FIGURA 07: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora.

1º Momento: Relaxamento no grupo (música instrumental).

2º Momento: Contação da história “Os três porquinhos”, da autora Bia Vilella, que apresenta toda história por meio de formas geométricas. Após contarmos a história dramatizamos com os alunos a apresentação dos personagens com as formas geométricas (porquinho círculo azul, triângulo verde, quadrado rosa e lobo retângulo marrom).

3º Momento: Fomos apresentando cada personagem, explorando com os alunos o nome da forma geométrica de cada porquinho, sua cor e com quais objetos do nosso cotidiano as formas dos porquinhos se parecem. Os alunos deram exemplos tais como: quadrado se parece com a janela, retângulo com a porta, círculo com a bola... Solicitamos a cada aluno que dissesse o nome da forma geométrica que o porquinho representava e a sua cor. Pedimos também que representassem com desenhos no “ar” as formas geométricas.

4º Momento: Em nossa avaliação a atividade foi bastante significativa, pois conseguiram se concentrar e participar ativamente. Reconheceram as cores e as formas geométricas apresentadas (triângulo, círculo, quadrado, retângulo). Alguns alunos apresentaram maior dificuldade para nomear o retângulo e o triângulo. Propomos, então, o retorno dos porquinhos na próxima aula e percebemos que deveríamos enfatizar cada um na representação com desenhos.



FIGURA 08: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

1º Momento: Relaxamento no grupo (história do círculo criada pela professora colaboradora).

2º Momento: Contação da história “Os três porquinhos”, da autora Bia Vilella, relembrando o nome dos porquinhos das formas geométricas. Apresentamos dessa vez somente o porquinho círculo. Pedimos que desenhassem o círculo no “ar” e perguntamos quais os objetos que se parecem com ele.

3º Momento: Entregamos a folha xerocada com os personagens das formas geométricas e pedimos que pintassem somente o círculo azul, igual ao da história, completando também com o rostinho do porquinho.

4º Momento: Em nossa avaliação a história, em todos os momentos apresentada, “chamou atenção” dos alunos. O fato de representarmos dessa vez, (professoras e estagiária) com encenações corporais foi bem legal pois os alunos se divertiram muito. Apresentar uma forma geométrica também por vez, ajudou na apreensão do seu nome.

Duração: 1 hora.

1º Momento: Relaxamento no grupo (história da Quadrolândia, criada pela professora colaboradora).

2º Momento: Contação da história “Os três porquinhos”, da autora Bia Vilella, relembando o nome dos porquinhos das formas geométricas. Apresentamos dessa vez, somente o porquinho quadrado. Pedimos que desenhassem o quadrado no “ar” e perguntamos quais os objetos que se parecem com ele. Depois mostramos a forma do círculo e perguntamos se eram iguais. A maioria disse que não. Esse momento foi bem significativo, pois a maioria da turma conseguiu identificar as duas formas, mesmo os que apresentam alguma dificuldade.

3º Momento: Entregamos a folha xerocada com os personagens das formas geométricas e pedimos que pintassem somente o quadrado da cor rosa, igual ao da história, completando também com o rostinho do porquinho.

4º Momento: Em nossa avaliação a história, em todos os momentos apresentada, “chamou atenção” dos alunos. Foi muito significativa a aprendizagem da forma geométrica quadrado.

Duração: 1 hora.

1º Momento: Relaxamento no grupo (música instrumental ouvindo a história que enfatizava a forma geométrica Triângulo).

História produzida pela professora colaboradora:

Imaginem um montão de estrelinhas em sua volta... E o que acham de passearmos em cima de uma estrela para conhecermos o céu? Vamos conhecer a nossa amiga estrela? — neste momento, a professora desenhou a estrela no quadro e disse que a estrela tem cinco pontas e que cada ponta apresenta a forma geométrica “triângulo”. Dissemos depois que uma das pontas da estrela tinha caído do céu e então apresentamos a forma do triângulo da cor azul, com braços e pernas. Cada vez que ela caía, perdia um membro (braço/perna) porque sempre tentava voltar pra junto das outras pontas da estrela. Cada vez que ela perdia uma parte do seu corpo conversávamos com os alunos se eles continuavam gostando dela, se seriam seus amigos e como ela faria agora sem o braço ou a perna. Num primeiro momento alguns disseram que não queriam ser seu amigo, mas depois, quando falamos que esta estrela não deixava de fazer as coisas porque não tinha um braço e contávamos as coisas que ela poderia fazer (brincar, correr, segurar...), só que de forma diferente, todos queriam ser seu amigo. Fomos trabalhando toda diversidade (ela sem as pernas podendo usar uma cadeira de rodas) e perguntávamos o que a ajudaria a andar ou o se ela poderia também andar sozinha, com uma cadeira motorizada. Foram compreendendo a importância de respeitar as diferenças.

2º Momento: Contação da história “Os três porquinhos”, da autora Bia Vilella, lembrando o nome dos porquinhos das formas geométricas. Apresentamos dessa vez somente o porquinho triângulo e perguntamos se ele era parecido com a estrelinha. Pedimos que desenhassem o triângulo no “ar” e perguntamos quais os objetos que se parecem com ele.

3º Momento: Entregamos a folha xerocada com os personagens das formas geométricas e pedimos que pintassem somente o triângulo da cor verde, igual ao da história, completando também com o rostinho do porquinho.

5º Momento: Em nossa avaliação a história a cada dia “chamava mais atenção” dos alunos, pois era contada de forma diferente. Havia um envolvimento de todos, desenhando a forma geométrica no ar, criando com as mãos, conseguindo reter a informação do nome da forma geométrica triângulo.



FIGURA 09: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora.

1º Momento: Relaxamento no grupo (música instrumental ouvindo a história que enfatizava a forma geométrica retângulo). Colamos no quadro um retângulo da cor laranja e outro da cor marrom. Um deles teria algo diferente. Questionamos aos alunos se gostariam de ser o retângulo laranja ou o marrom. Neste momento, de 19 alunos que estavam na sala, 16 quiseram ser o retângulo laranja e apenas três, o marrom.

Começamos então a contar a história produzida pela professora colaboradora: Imaginem estes dois retângulos: um de cor laranja, com o rostinho bem “bonito”, e outro de cor marrom, com o rostinho bem “feinho”. Num lugar bem distante daqui, lá na retangolândia, havia muitos retângulos. Certo dia, na escola em que estudavam, houve uma grande confusão. O retângulo laranja começou a empurrar, bater nos colegas, esconder as coisas, não ajudava a guardar os brinquedos, ficava conversando o tempo todo na sala de aula, não respeitava a professora e não terminava as atividades da sala. Por isso, os amigos não queriam mais brincar com ele. Mesmo o retângulo laranja colocando apelido no retângulo marrom, este era tão bom, que ficou triste pelo seu amigo e foi conversar com ele. E fez isso porque ele

tem um bom coração. Sempre que alguém precisa dele, está pronto a ajudar. Faz atividade, respeita os colegas e professores e adora participar das aulas.

Neste momento, perguntamos novamente: E agora, quem vocês querem ser? O retângulo laranja ou o marrom? 18 crianças neste momento quiseram ser o retângulo marrom e apenas um continuou querendo ser o laranja. Então perguntamos por que queria ser o laranja, ele, porém, não soube responder. Quando dissemos que ele era um menino bom e que deveria ser igual ao retângulo marrom, começou a chorar e disse que queria ser também como o retângulo marrom. Pedimos que ele segurasse o retângulo e mostrasse para todos os amigos que agora ele seria igual a eles. Continuará fazendo somente as coisas boas.

2º Momento: Contação da história, “Os três porquinhos”, da autora Bia Vilella, lembrando o nome dos porquinhos das formas geométricas. Apresentamos dessa vez somente o lobo retângulo e perguntamos se ele era parecido com os retângulos da história que a professora havia contado anteriormente. Pedimos que desenhassem o retângulo no “ar” e perguntamos quais os objetos que se parecem com ele.

3º Momento: Entregamos a folha xerocada com os personagens das formas geométricas e pedimos que pintassem somente o retângulo da cor marrom, igual ao da história, completando também com o rostinho do lobo.



FIGURA 10: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

1º ANO - CRIANÇAS DE 6 ANOS

PROJETO DE SALA: VIVENCIANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E OUTRAS HISTÓRIAS

Duração: 1 hora.

1º Momento: relaxamento em grupo com música instrumental.

Trabalhando a história: História de um coraçãozinho, do autor Milson Henrique.

É a história de vários corações que tinham diferentes tamanhos e sentimentos. Apresentam diferentes preferências de gosto e de lazer. Fala também de relacionamentos, a princípio felizes e que depois de determinadas situações terminam. Conta que às vezes, mesmo ficando sozinho, o coração tem a

possibilidade de recomeçar outra história. O mais importante é viver em paz e com os amigos.

2º Momento: Fizemos um breve comentário sobre o que entenderam e depois exploramos as diferentes expressões de rosto dos coraçõezinhos, perguntando o que cada uma significava. Pedimos a algumas crianças que representassem as diferentes expressões dos corações: raiva, alegria, tristeza...

O interessante é que uma das crianças escolhidas pediu para representar o pai. E após cada um receber a expressão que iria encenar, ensaiamos as expressões (sorrindo, chorando...). Ele, porém, disse que homem não chora. E mesmo tentando convencê-lo dizendo que choramos porque temos sentimentos e homem também tem, ele se recusou.

Obs.: Essa criança normalmente quando é contrariada chora. Sendo assim, demos oportunidade para outra criança — nesse momento, começou a chorar novamente, mesmo com as mediações.

Duração: 1 hora e 30 min.

1º Momento: relaxamento em grupo com música instrumental.

2º Momento: Trabalhando os personagens do Sítio do pica-pau amarelo. Contação de uma história, produzida pela professora, tendo fundo musical.

Vamos imaginar que estamos andando pela rua e neste lugar não há casas e nem comércio. Uau, quanto capim, ali tem um curral com vaca, cavalo e bezerro. Olha! Aquele homem está tirando leite da vaca. Opa! Tem uma porteira aberta, vamos entrar... Venham, mas bem devagar, pois não sabemos o que vamos encontrar pela frente. Olhem, uma tartaruga, ela se escondeu... E aquele ganso? Corram, ele está atrás de nós. Vamos atravessar agora, o lago, pule uma pedrinha de cada vez. Nossa! Quanto peixe. Ai, que cheirinho gostoso! Deve ser a tia Nastácia fritando seus bolinhos de chuva. Olhe! Passou uma menina, nem olhou pra gente, quem

será? Bom, deixa pra lá. Ops! Adivinha quem está vindo pela frente? Ela está me deixando com medo, minha nossa... é a cuca. Vamos nos disfarçar de árvore?

3º Momento: Pedimos aos alunos que tentassem descobrir de que personagens estamos falando por meio da mímica. Narizinho, nariz empinado; Emília, olhinhos piscando; Visconde, passar a mão no cavanhaque; Cuca, andando balançando o rabo; Pedrinho, mirando o passarinho com o estilingue. Conversamos também sobre o comportamento de cada personagem, refletindo sobre as atitudes positivas e negativas de cada um deles. A cada personagem descoberto, íamos escrevendo os seus nomes no quadro com os alunos.

4º Momento: Neste momento, cada aluno, recebeu o nome de um personagem e foram convidados a irem até a frente para imitá-los do seu jeito, e os colegas tentariam descobrir o personagem apresentado.

5º Momento: Formamos grupos, para que, com massinha, escolhessem o nome de um personagem e fizessem uma letra para formar o nome escolhido.

Em nossa avaliação a turma respondeu bem ao que foi proposto, demonstrando bastante interesse. O que colaborou é que já tinham, com segurança, o conhecimento sobre as características dos personagens do sítio. No momento de escrever os nomes dos personagens no quadro, responderam com propriedade o nome das letras. Os alunos com necessidades especiais conseguiram, também, relembrar o nome de algumas letras.



FIGURA 11: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 30 min.

1º Momento: relaxamento em grupo com a música “A festa dos anjinhos”. Pedimos para que fechassem os olhos e conversamos sobre a importância de ouvir/sentir a música, que estávamos neste momento indo para o céu e lá podíamos observar tudo que tinha. Depois deste momento, perguntamos o que tinham observado e o que a música havia transmitido para eles. As respostas foram bem significativas: anjos, Deus, passarinhos, amor, amizade, perdão, vida, esperança, saúde.

2º Momento: Após o relaxamento, conversamos com os alunos sobre a atividade do dia: iríamos brincar com os números. Perguntamos primeiro, onde podemos encontrá-los no nosso dia-a-dia, ao que responderam com bastante segurança: no supermercado, no telefone, no relógio, na data, na placa do carro... e assim íamos mediando para que se lembrassem de outros lugares onde os números estão presentes com uma função. Lembramos também que, no nosso dia-a-dia precisamos do amigo para nos ajudar e que sempre devemos lembrar de coisas boas.

3º Momento: Entregamos aos alunos os encartes de supermercados e perguntamos qual a função dos números nele e qual era o supermercado. Conseguiram identificar, pelo logotipo, e disseram que os números ali serviam para comprar. Falamos que na brincadeira um deveria ajudar o outro a encontrar os números.

4º Momento: Fomos para o quadro e explicamos que, naquele momento, através da brincadeira, os números iriam se transformar. Começamos pelo número 0 e perguntamos em que desenho poderia se transformar. Começaram a citar vários desenhos, e, entre eles, escolhemos um. Sempre mostrávamos o número na sua forma original e, depois, transformado no desenho que eles falaram. Neste momento pedíamos para encontrar/circular no encarte o número na forma real e perguntávamos várias vezes ao coletivo: que número é esse? Em que ele se transformou? Devemos guardar com atenção, pois depois o número será apagado e as perguntas serão repetidas. Assim, fomos sucessivamente do número 0 ao 5. Depois, apagamos os números com desenhos e fomos perguntando individualmente o nome do número e em que se transformou.

Em nossa avaliação a turma respondeu bem ao que foi proposto, demonstrando bastante interesse. A memorização foi bem estimulada, pois a maioria dos alunos com dificuldade de aprendizagem, conseguiu lembrar o nome do número e em que ele se transformou.



FIGURA 12: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 20 min.

1º Momento: Apresentação da música AMIGO, do cantor Zé Antônio (expressão corporal: fazer os gestos da música com o colega. Abraçar, fazer carinho, beijar no rosto...)

2º Momento: relaxamento com fundo instrumental, ouvindo a seguinte história:

Vivemos num lugar onde não conseguimos ficar sozinhos, pois precisamos do outro para nos fazer companhia, conversar, ajudar. Que bom termos amigos, eles nos

ouvem, nos dão conselhos, sorriem com as coisas boas da vida que acontecem, mas ficam tristes quando estamos chorando, porque, eles querem nos ver bem, gostam de nós, nos tratam com muito carinho. É por isso que devemos tratar nossos colegas com respeito, porque assim é fácil nascer uma linda amizade. Só de pensar que podemos construir laços afetivos com o outro até nos tornarmos velhinhos, isso já é muito legal. Este é um dos sentidos da nossa vida. Fazermos amigos!

Por isso, estamos aqui hoje pra mostrar que ser amigo é muito importante para sermos felizes, pois sozinhos nossa vida ficaria sem graça. Já imaginou se cada um de vocês ficasse sozinho, um em cada sala? Ai, que esquisito, né?!

Vamos abrir agora nossos olhinhos e ver quantos amigos podemos ter sempre ao nosso lado.

3º Momento: Escrevemos no quadro a palavra “amigo”, perguntando aos alunos o nome de cada letra e depois o que significava a palavra amigo para eles. Depois, pedimos que falassem o nome de um objeto cujo nome se iniciasse com cada uma das letras da palavra amigo. Escrevemos a palavra novamente e, à medida que íamos perguntando e as crianças respondendo, transformávamos cada letra no desenho que as crianças, em comum acordo escolhiam: ex: a letra A em anel, letra M em mato, letra I em igreja, letra G em galinha e Letra O em ovo. Perguntamos o nome da letra e em quê ela se transformou. Logo após, apagamos os desenhos e perguntamos o nome da letra apresentada e no que ela se transformou, estimulando a memória auditiva das crianças.

4º Momento: Entregamos para cada criança uma letra da palavra amigo e pedimos para que brincasse, também transformando essa letra num desenho cujo nome se inicia com ela. Surgiram outras possibilidades nos desenhos das crianças, como, por exemplo, a letra I, uma aluna disse que ia fazer o índio e outra a amiga que se chama Itamara. A letra O, se transformou também em olhos e óculos.

Em nossa avaliação a atividade foi bastante significativa, pois conseguiram se concentrar e participar. Foi muito legal e produtivo, pois a maioria dos alunos já

consegue fazer relação entre letra e palavra e os que apresentam alguma dificuldade conseguiram relacionar as letras aos desenhos formados.



FIGURA 13: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 20 min.

1º Momento: relaxamento-música instrumental.

2º Momento: Conversando sobre as relações interpessoais da turma da Mônica. Como são as relações de amizade? Por que Mônica bate com o Sansão? Quais as atitudes que os amigos da turma têm uns com os outros que não são legais e que precisam melhorar?

3º Momento: Perguntamos os nomes dos personagens para que pudéssemos escrever no quadro. Escrevemos os nomes junto com os alunos e destacamos as letras iniciais (Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão) perguntando as características de cada um. Após esse momento, pedimos para que fizessem, com as mãos, essas letras (M e C) e, depois, mostramos um cartaz com desenhos desses personagens. Distribuímos objetos relacionados a cada um deles e fomos chamando os alunos

para falar para os amigos o que tinham recebido e colar os objetos referentes a cada personagem, como por exemplo: quem recebeu frutas, perguntávamos em qual personagem a criança iria colar e assim sucessivamente. Para a Magali (frutas), Mônica (Sansão e vestidos vermelhos), Cebolinha (brinquedos) e Cascão (produtos de higiene para ajudá-lo a se cuidar).

Em nossa avaliação a atividade foi bastante expressiva, pois conseguiram se concentrar e participar. Foi muito divertido e produtivo, pois a maioria dos alunos já conseguem fazer relação entre letra e palavra e os que apresentam alguma dificuldade conseguiram relacionar as letras aos desenhos formados.



FIGURA 14: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.

Duração: 1 hora e 20 min.

1º Momento: relaxamento com expressão corporal a partir da música “Aeróbica tropical” de Bia Bedran. Trabalhamos movimentos para o lado direito/esquerdo e equilíbrio (pular num pé só).

2º Momento: Conversamos com a turma sobre a receita da gelatina que haviam feito e perguntamos se eles se lembravam dos sabores. À medida que iam falando, escrevíamos no quadro, destacando a 1ª letra dos nomes das frutas: ABACAXI, UVA, LIMÃO, FRAMBOESA, PÊSSEGO. Escrevemos também a palavra morango, mas exploramos somente as demais letras.

3º Momento: Depois da escrita dos nomes das frutas no quadro juntamente com os alunos, apresentamos um cartaz com o nome dessas frutas e seus respectivos desenhos. Pedimos para que tentassem fazer a letra inicial do nome de cada fruta com as mãos e depois entregamos figuras aleatórias, com a mesma letra inicial das frutas, aos alunos. Chamávamos os alunos à frente e pedíamos para que falassem o nome da figura e com que letra começava, colando-a embaixo do nome da fruta.

Em nossa avaliação a atividade foi bastante expressiva, porém havia um número reduzido de alunos, pois era o primeiro dia de aula após o recesso. Observamos que o aluno que apresenta grande dificuldade de memorização participou com entusiasmo fazendo com as mãos as letras que pedíamos, lembrando de fazer com a mão o formato da letra. Quando falávamos “faça a letra A”, por exemplo, apesar de não se lembrar em alguns momentos o nome da letra, o aluno conseguia representar essa letra. No trabalho realizado individualmente, devido à sua pouca atenção no grupo, quando folheou o livro “O panda”, do qual já havia sido contada a história, identificou no título a letra O e A. Quando pedimos para lembrar como se fazia com as mãos a letra P, conseguiu lembrar. Ainda associou a letra D ao nome do colega Daniel. No jogo de dominó, trabalhando a relação número/quantidade, conseguiu fazer a contagem oral sequenciada até sete; identificou a cor rosa no ambiente e o preto nomeou de “escuro”.



FIGURA 15: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.